

Julia Jones

Os Anos da Adolescência

Livro 2

O Amor

é uma Montanha
Russa



KATRINA KAHLER

Traduzido por Elvira Sousa



Julia Jones

A Fase da Adolescência

Livro 2

O Amor é uma Montanha Russa

Tradução de Elvira Sousa

Katrina Kahler

Copyright © KC Global Enterprises Pty Ltd
Todos os direitos reservados

Sumário

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Conteúdos](#)

[Obrigada por ter lido | Julia Jones – Os Anos da Adolescência | Livro 2 | O Amor é uma Montanha Russa](#)

[P.S. O Livro 3 vai sair muito em breve! | Siga a Julia Jones em Instagram @juliajonesdiary | Por favor, clique um Like na nossa página no Facebook | Consulte o seguinte endereço para saber a data do lançamento do próximo livro desta série... |
https://www.facebook.com/JuliaJonesDiary?fref=ts](#)

[Outros livros da autoria de Katrina Kahler que vai adorar ler!](#)

Conteúdos

O Mal...
O que se está a passar???...
Desesperada...
Se ao menos.....
Terror...
Rumores...
Algo inesperado...
Choque...
Distrações....
Surpresas...
Confusão...
Preocupada...
Um passatempo favorito...
Consequências...
Montanha Russa...
Caos...
Tempestade...

O Mal...

Os seus olhos azuis fitavam os meus. O olhar de ódio era tão intenso que parecia cortar-me como se fosse uma faca.

Eu conseguia ver os lábios dela a mexer. Parecia que estava a gritar comigo, cuspiendo palavras na minha cara. Mas, por alguma razão estranha, eu não conseguia ouvir nada. Enquanto, desesperadamente, tentava fugir do seu alcance, aquele silêncio sinistro tornava a cena surreal, como se nada estivesse a acontecer.

Apesar de me sentir muito tonta, eu sabia que ela estava ali, a uns escassos centímetros, a gritar e a ameaçar-me; tudo nela exalava um ódio profundo! Vi a mão dela erguer-se em câmara lenta. Segui o movimento em arco, quase gentil na sua trajetória; sabia que iria, com toda a certeza, atingir o alvo.

Então, de forma abrupta e inesperada, vi qualquer coisa a brilhar. O que era aquilo que ela estava a agarrar? Que objeto afiado era aquele que ela segurava, com tanta força e intensidade, ameaçando a minha cara com pontaria mortal?

Horrorizada, fiquei à mercê de uma lâmina faiscante, que refletia um fio de luz vindo de uma lâmpada, por cima da minha cabeça, que a fazia brilhar ainda mais. Fiquei paralisada com medo, pregada ao chão, incapaz de me mover.

O que se estava a passar comigo? Por que é que eu não conseguia fugir dela? Tentei levantar uma perna e, a seguir, a outra. Foi então que descobri que estava como que paralisada, sem me poder mexer, imóvel e à mercê do diabo.

De repente, o silêncio rompeu-se; gritos horríveis, de gelar o sangue, encheram-me de pavor.

Mas, quem é que estava a gritar? Quem é que estava a fazer aquele barulho terrível? Piscando os olhos, voltei a cabeça de um lado para o outro, tentando perceber o que se estava a passar à minha volta. Era tudo estranho. Que sítio era aquele? O que é que eu estava a fazer ali, deitada no chão? Pior ainda... para onde é que ela tinha ido?

-Julia! Julia! Julia, estás bem?

- O que aconteceu, Julia? Desmaiaste? Queres que chame uma ambulância? Julia, vá lá, responde!

As vozes, à minha volta, eram indistintas; enquanto olhava fixamente para aquelas caras, vagamente familiares, tentei compreender o que se tinha passado. Então, com um gesto abrupto, empurrei aqueles vultos que pairavam à minha volta e, a tremer, tentei levantar-me. Tinha de chegar aos lavabos ; eu sabia que estavam ao fundo da entrada e não tinha tempo a perder. A minha cabeça rodopiava, envolta num denso nevoeiro; sentia a náusea a subir pela garganta. Tapando a boca, firmemente, com a mão, cambaleei até à porta fechada e, desesperada, abria-a para trás.

-Julia, estás bem?

-Julia, queres a nossa ajuda?

As vozes ecoavam fora do cubículo. Quando, por fim, consegui sair, encharcada em suor e branca como um fantasma, percebi que havia uma preocupação genuína nas caras delas.

Com muito cuidado, sentaram-me numa cadeira que estava guardada a um canto. Então, as minhas amigas começaram a limpar-me a testa com uma toalha húmida. Encostei a cabeça, de novo, à parede, enquanto engolia golfadas de ar fresco até que, aos poucos, comecei a sentir-me melhor.

-Temos de te levar a casa, Julia! De certeza, que foi alguma coisa que comeste e que te provocou dores no estômago. Devias ir a um médico!

-Fomos dar contigo caída no chão; parecia que estavas a alucinar. Fazias uns sons muito estranhos. Não conseguíamos entender uma palavra do que estavas a dizer!

Olhei para as duas caras que me fitavam. Eu só queria ir para casa, meter-me na cama e dormir para sempre.

O que se está a passar???...

Sentei-me, olhei à minha volta e, de repente, compreendi que estava na minha cama. Lá fora, já estava tudo escuro. Deviam ter passado várias horas desde que eu chegara a casa. Lembro-me vagamente de ter forçado a entrada pela porta da frente e de ter sentido um enorme alívio por sentir que a casa estava vazia e em silêncio. Não queria cruzar-me com ninguém; por isso, subi as escadas para o meu quarto, desesperada por fechar a porta atrás de mim e afastar-me do mundo.

Enquanto estava ali, deitada, completamente grogue com sono, os acontecimentos do dia começaram, de forma crescente, a inundar-me o pensamento; voltei a sentir aquela montanha russa de emoções que tinha vivido desde o momento em que abrira o meu cacifo.

Será que eu tinha imaginado aquilo tudo? Será que tinha sido uma espécie de sonho, uma invenção da minha cabeça? Ou então, uma reação a qualquer coisa que comi e me fez mal ao estômago, como as minhas amigas sugeriram?

Então, bruscamente, a imagem da boneca de vodu surgiu na minha cabeça. NÃO! Não tinha sido a minha imaginação. Tinha sido bem real. Lembro-me muito bem de ter arrancado as agulhas e outras pontas afiadas, espetadas ao acaso, e de ter atirado tudo para o lixo. Queria que aquilo desaparecesse da minha vista, destruído e condenado ao esquecimento para sempre.

Isso foi mesmo antes de ... mesmo antes de quê? Tentei resgatar coisas do meu banco de memórias, desesperada por me lembrar.

Será que a Sara esteve lá? Será que ela tinha mesmo uma faca? Essa era a parte mais nebulosa de todas; eu bem tentava recordar os detalhes, ainda insegura sobre o que realmente se tinha passado. Talvez tivesse sido uma espécie de alucinação, um desequilíbrio emocional que se tornou excessivo, provocando o medo mais tenebroso que já alguma vez senti.

Contudo, os momentos que se seguiram eram muito nítidos e eu estava muito grata por as minhas amigas estarem lá comigo e me terem dado boleia para casa. Elas eram alunas finalistas que, um dia, eu tinha conhecido na biblioteca e que gostavam de puxar uma

boa conversa. Desde então, e por várias vezes, cruzei com elas na escola e sempre se mostraram muito simpáticas.

Foi uma grande sorte elas terem voltado ao sítio dos cacifos antes de irem para casa de fim de semana. Acho que tinham ido buscar um texto de que se tinham esquecido e que era preciso para o trabalho que ambas estavam a fazer; mas, foi mesmo por acaso que me encontraram deitada no chão da entrada, como morta. Àquela hora, a entrada está, quase sempre, deserta; por isso, tive muita sorte por elas terem aparecido.

Então, tive um impulso, um pensamento súbito; saltei da cama e corri para o meu computador. Quando o liguei, reparei que o botão de arranque brilhava intensamente na escuridão do quarto. Se a minha mãe estava em casa, eu não queria que ela soubesse que eu estava acordada. Por isso, sentei-me na minha cama, às escuras, à espera que o computador ligasse. Não estava nada disposta a ouvir a incessante conversa da minha mãe que eu seria forçada a digerir; além disso, não queria falar com ninguém sobre o pesadelo que tinha vivido e do qual parecia ter acabado de acordar; pelo menos, com ela.

“Como foi o teu dia, Julia?” Baixinho, imitei a voz dela, precisamente com o mesmo tom.

“Bem, mãe, se estás realmente interessada em saber ...Encontrei uma boneca atirada para o fundo do meu cacifo; depois, fiquei assim como que alucinada e, mais tarde, encontraram-me completamente inconsciente no chão da entrada. Mas, a propósito, o teu dia como foi??”

A sua inicial expressão de choque seria, então, seguida por uma pequena gargalhada pelo absurdo da minha resposta. Ela abanaria a cabeça, convencida que eu estaria a contar-lhe uma brincadeira qualquer, mas que ela não percebia lá muito bem. Não fazendo a mínima ideia sobre que raio de coisa eu estaria a falar, a minha mãe iria, rapidamente, mudar de assunto e passar a descrever-me, com todos os detalhes, o dia dela, coisa que eu não estaria nada interessada em ouvir. Estremeci só de pensar neste cenário; além disso, a minha mãe era a última pessoa que eu escolheria para partilhar o meu drama.

Por outro lado,, tinha consciência de que faltara ao jantar, o que era outro detalhe importante e que ela me faria recordar; mas, pensar em comida, neste momento, era o que menos falta me fazia!

Assim que apareceu a página do Google, inseri as palavras “boneca de vodu” para pesquisar. Primeiro, só encontrei a letra de uma canção com esse título, mas, depois de pesquisar mais, encontrei o que andava à procura.

Contudo, não era o que eu estava à espera.

Aparentemente, quando foram criadas, estas bonecas destinavam-se a manifestar, apenas, sentimentos bons e intenções positivas. Existe a crença que podemos provocar sentimentos como o amor, a felicidade, a alegria e um bom Karma. Mas, depois de fazer mais leituras, também descobri que se as bonecas forem usadas com más intenções ou com o objetivo de magoar alguém, nesse caso, dá-se uma reviravolta kármica e o seu criador passa a ser o recetor da energia negativa.

Vieram-me à cabeça muitos pensamentos confusos enquanto fechava o computador e pensava no que tinha acabado de ler. Será que o meu estado mental e físico tinha sido, na verdade, uma reação à boneca que estava escondida no meu cacifo? Ou, será que tudo não passou de dores de estômago por causa de alguma coisa estragada que eu comprei no bar da escola? Eu sabia que comida contaminada podia causar sintomas terríveis; talvez tenha sido isso que me pôs tão doente. É claro que tinha de haver uma explicação lógica.

Mas, apesar de tudo o que eu pudesse imaginar, a pessoa responsável por ter criado aquela coisa medonha e parecida comigo, com toda a certeza, precisava de sentir as repercussões! Fossem elas quais fossem. Provavelmente, tudo não passou de um “abracadabra de brincadeira”, mas, só a ideia de que alguém tinha pensado em algo tão vil, era uma coisa que eu não conseguia entender. Parecia inacreditável que se pudesse descer tão baixo só para pregar uma estúpida partida.

Mais uma vez, veio-me à cabeça o olhar maléfico da Sara. Eu tinha a certeza que ela estava por trás daquilo tudo. Quem mais podia ser capaz de fazer uma coisa assim? Quanto mais pensava

no assunto, mais me convencia que ela era a culpada. Tudo tresandava a Sara.

Lembrei-me da vez em que ela me fechou dentro de uma cabana isolada, a meio da noite. Foi durante o nosso sétimo acampamento e eu fiquei absolutamente aterrorizada. Principalmente, quando cortei a mão com um bocado de vidro grosso ao tentar fugir pela janela. Depois de tantos anos, ainda conseguia ver a cena; em segundos, fiquei com a mão coberta de sangue. Depois, desmaiei; o pavor de ficar a sangrar até morrer, no meio da escuridão do bosque, foi demais para eu aguentar.

Sim, estava mesmo convencida que a Sara era capaz de tudo.

Contudo, o que mais me preocupava era a ideia de ter de a enfrentar na escola, no dia seguinte. Assim como a certeza de que ela tinha uma capacidade estranha, quase sem limites, de assustar os outros. Se ela podia criar um cenário tão maluco como a boneca de vodu, que mais é que ela teria na manga?

Enquanto olhava para o céu escuro pela janela, não consegui sentir conforto com a lua cheia que projetava a sua luz brilhante no soalho junto à minha cama. Virei-me e fechei os olhos com força, como se pudesse evitar todas aquelas sensações que ameaçavam invadir o meu subconsciente. Mesmo assim, o medo que eu queria afastar percorreu-me, silenciosamente. Eu sentia-o a invadir-me o corpo e a mente, sorrateiramente, rastejando até à minha alma.

Voltei a sentir uma náusea no estômago e, naquele preciso momento, tive a certeza absoluta que o motivo não era uma simples indisposição estomacal. Agarrando firmemente os lençóis, puxei-os até ao queixo, escondendo-me atrás daquele escudo protetor.

“Se ao menos fosse assim tão fácil!”- pensei, deixando escapar dos lábios um suspiro alto e sentido.

Antes de, finalmente, mergulhar num sono tumultuoso, a última coisa de que me lembrei foi a cara sorridente do Blake, a brilhar no meio dos meus pensamentos para logo desaparecer em poucos segundos.

De repente, tinha sido substituída por uns olhos ameaçadores que me fitavam com maldade.

Os olhos eram muito azuis, penetrantes e demasiado familiares.

A cara estava emoldurada por um cabelo comprido e louro, mas eu tinha a certeza que era a cara do diabo.

Desesperada...

Os dias que se seguiram foram uma espécie de nevoeiro espesso. Ninguém tinha visto a Sara durante toda a semana e, apesar de estar grata pela sua ausência, senti a inquietude de um adiamento, convencida que não iria durar por muito mais tempo.

Ninguém se apercebeu do incidente que se tinha passado na entrada, junto aos cacifos. Bem, pelo menos, ninguém falou nisso; por conseguinte, julgo que passou despercebido. Menos às duas alunas mais velhas que me ajudaram.

-Sentes-te melhor agora, Julia? - perguntou-me uma delas no dia seguinte quando a encontrei na cantina no intervalo do almoço. Via-se pela cara dela que a preocupação era sincera.

-Estou muito melhor, obrigada Maxine! - respondi com um sorriso. - E agradeço-te mil vezes por me teres dado boleia para casa! Não sei o que seria se vocês não me tivessem encontrado!

Ficámos a falar mais um bocadinho e esse foi o fim da estória. Incidente acabado e enterrado para nunca mais ouvir falar dele. Pelo menos, era o que eu julgava. Estava muito feliz por atirar tudo para trás das costas. Era uma coisa que eu não queria que se tornasse do conhecimento público. De maneira nenhuma. Ainda bem que o local estava deserto quando tudo aconteceu. Também estava convencida que a imagem da Sara, com uma faca na mão, tinha sido fruto da minha imaginação. Talvez tenha sido uma espécie de alucinação. Afinal de contas, eu tinha estado muito doente, cheia de febre. Sabemos lá as partidas que a nossa mente nos pode pregar!

A semana passou a correr e, fiel à minha promessa, fiz o que pude para evitar o Blake. Tinha-me convencido que, para bem dele e meu, o melhor seria afastarmo-nos. Embora tivesse sentido, por várias vezes, que ele estava a olhar para mim, durante as aulas, sempre que ele se aproximava, eu baixava a cabeça ou virava as costas para que ele percebesse bem a minha mensagem.

Eu queria que ele ficasse longe de mim!

Então, por que razão estou tão infeliz? Por que me sinto tão miserável? Aquele sentimento de perda que eu tinha conseguido ultrapassar estava de volta, a esmagar-me de tal modo que eu mal

conseguia concentrar-me no trabalho da escola ou em qualquer outra coisa.

- Estamos destinados a ficar juntos! - disse-me o Blake quando ainda estávamos no terceiro ciclo.

Mas, nessa altura, éramos apenas uns miúdos. O que é que nós sabíamos?! Além disso, muita coisa tinha mudado. Mas, por mais infeliz que me pudesse sentir, ainda não conseguia suportar a ideia de que, na minha ausência, o Blake se tinha apaixonado pela Sara. Depois de tudo o que ela me fez passar, como é que foi possível? Era isso que mais me magoava e estava completamente perdida por não conseguir superar esse golpe. Por outro lado, o olhar fixo e ameaçador da Sara ainda estava muito fresco na minha memória; enquanto ela estivesse por perto, nada iria dar certo.

Forçando-me a varrer todos os pensamentos sobre o Blake e a Sara, assim como a recente cena dos cacifos que continuava a atormentar-me, concentrei as minhas energias no fim de semana que estava à porta. Imagens do meu pai vieram-me à cabeça e, quase automaticamente, senti os cantos da boca a rasgarem-se num sorriso. Ele ia chegar a casa nessa noite e, com a sua chegada, tinha a certeza de que tudo ia ficar bem, pelo menos, durante o fim de semana.

Então, de repente, pensei no Barry, o habilidoso por quem a minha mãe parecia estar tão fascinada e demasiado amiga para meu gosto. Só de pensar nele fiquei com pele de galinha. Mas, com o meu pai de volta, o problema ia ficar resolvido! Para mim, não havia dúvida que a vinda do meu pai era a solução; já imaginava a cara dele, a sorrir, assim que entrasse em casa naquela noite. Decidi cozinhar o seu prato favorito e dei à minha mãe uma lista com os ingredientes que ia precisar. Eu só queria que ela não se esquecesse de nada, porque, na verdade, eu queria muito que o jantar em família fosse especial.

Quando entrei em casa, ao fim da tarde, sentia-me lindamente e estava ansiosa por começar a trabalhar. Eu sabia que precisava de algum tempo para preparar o jantar, mas só tinha umas duas horas antes que o meu pai chegasse a casa. Contudo, quando entrei na cozinha tive uma visão horrível, completa e dolorosamente

inesperada. O que raio estava o Barry a fazer em nossa casa? O meu pai estava quase a chegar e lá estava aquele sujeito que eu desprezava, sentado confortavelmente à nossa mesa de cozinha, a conversar, animadamente, com a minha mãe.

Olhei para os sacos das compras, ainda por arrumar, em cima da bancada; a seguir, olhei, perplexa, para a minha mãe com ar de interrogação.

-Julia! - exclamou. -Já chegaste! Tenho más notícias, querida, e sei que vais ficar muito desapontada.

Instantaneamente, o meu estômago começou às voltas: - O que é? Aconteceu alguma coisa com o pai?

-Não, não, nada disso - disse ela com uma voz suave que eu achei frustrante e irritante. - O teu pai telefonou, há cerca de uma hora, a dizer que tinha havido um problema no escritório e que ele era o único que podia resolver a situação; por isso, pediram-lhe para ficar.

-O quê?? Quer dizer que ele não vem hoje à noite? - Eu já sabia qual ia ser a resposta, mas tinha de perguntar, de qualquer modo.

Tudo o que ela conseguiu fazer, foi olhar para mim, com uma expressão que parecia de pena. Mas, não foi capaz de me responder. Ficou muito claro que eu não ia ver o meu pai naquele fim de semana.

Então, fitei o Barry, que até aquele momento, tinha ignorado por completo.

- Então, o que é que ele está a fazer aqui?

As palavras saíram-me da boca antes que eu pudesse impedi-las; não fui capaz de controlar o tom agressivo que traía o meu desgosto por ver aquele sujeitinho sentado, tão à vontade, na nossa cozinha.

-Julia, eu sei que ficaste desapontada por causa do teu pai não poder vir a casa, mas isso não é desculpa para a tua má educação. Mais respeito, minha menina!

Fiquei estarrecida a olhar para ela, mostrando bem o meu desprezo. Senti ódio por ela e por ele! Os dois davam-me vontade de vomitar. Como é que ela podia estar ali sentada, tão feliz, enquanto aquele idiota horrível estava sentado na cadeira favorita

do meu pai? Mais, durante esse tempo, o meu pai estava a trabalhar como um escravo, num sítio qualquer, infeliz e sozinho!

Sentindo as lágrimas, pisquei os olhos várias vezes, furiosa, tentando impedir que elas rolassem. Não queria dar-lhes o prazer de me verem tão triste. De repente, sem dizer uma única palavra, virei-lhes as costas e subi as escadas a correr até ao meu quarto, desesperada por fugir deles. Batendo a porta com força, atirei-me para cima da colcha que cobria a minha cama e enterrei a cara na almofada. Os soluços sacudiam o meu corpo e eu não conseguia parar de chorar.

Senti-me tão desesperada que pensei que ia morrer. Por que é que a minha vida estava um caos? Como é que eu tinha chegado a este ponto em que tudo me parecia estar a correr tão mal? O peso na minha cabeça estava a ficar cada vez pior; parecia que ia explodir. Tentei conter o rio de lágrimas que inundava a almofada.

“Odeio-a! Odeio-a! Odeio-a!”

As palavras giravam na minha cabeça até que, completamente frustrada, não consegui conter mais e deixei escapar em voz alta:

-Odeio-teeeeeeeeeeeeeee!!!!

Gritando para a porta fechada, fiquei à espera de uma resposta. Mas, não houve nenhuma. Nenhuma reação. Nada.

Furiosa, peguei num sapato e atirei-o contra a porta, só para assistir à sua inútil queda no chão. Nem sequer consegui estragar a pintura; um total desperdício de energia.

Precisamente, nesse momento, o meu telemóvel tocou. Ainda estava no perfil silencioso, escondido no meu bolso por causa das aulas, mas senti a sua vibração contra o meu corpo .

Resistindo à tentação de não atender, tirei-o do bolso, com um gesto brusco; dando um suspiro, olhei para o visor. Reconheci logo o número que estava a piscar.

Hesitante, encostei-o, lentamente, ao ouvido e atendi a chamada.

-Julia? Sou eu!

Sentada na minha cama, em silêncio, não fui capaz de articular um som.

-Julia, eu sei que estás aí! Por favor, fala comigo. Preciso de te falar!

Aquele tom de súplica na voz do Blake fez-me ceder e, limpando as lágrimas dos olhos, murmurei uma resposta, quase inaudível.

-O que queres?

-Preciso muito de falar contigo!

Fiquei a olhar fixamente para a parede, com o telemóvel na mão. O único som que se ouvia era o da minha fraca respiração.

-Julia, posso ir aí?

-NÃO! - a minha resposta brusca apanhou-o de surpresa.

Ouvi -o inspirar um pouco de ar:

-Eu só pensei ... - começou ele.

- Pensaste o quê, Blake? Que podias largar a Sara e que eu ia a correr de volta para ti, sem mais nem menos?!

-Claro que não, eu só...

-Só quê?? - A minha resposta furiosa e incisiva parecia cortar aquele silêncio como uma faca.

- Só quero falar contigo, Julia. Só isso.

A seguir, calou-se; mais nenhuma resposta. De repente, fiquei cheia de remorsos. Por que é que eu estava a ser tão má? Por que é que estava a descarregar em cima dele? O melhor que eu tinha a fazer era engolir o meu orgulho e ouvir o que ele tinha para me dizer.

Então, ouvi de novo a voz dele, interrompendo não só os meus pensamentos, mas também a minha relutância em expor os meus sentimentos, o meu amor profundo por ele, o amor que persistia dentro de mim, e que, todos os dias, me partia o coração.

-Só quero dizer ... Só quero dizer Perdoa-me.

Um suspiro bem audível escapou dos meus lábios. Não fui capaz de o evitar, mas a verdade é que não estava nada a contar com aquelas palavras.

Fiquei calada, à espera que ele continuasse, enquanto a minha cabeça andava à roda com a emoção. Não sabia bem se devia abrir-me com ele. O que é que eu devia responder? Tinha tanto medo de ser magoada.

Esprei mais um bocadinho, até que abri a boca para falar.

-Blake?

Mas, só havia silêncio. Nem uma palavra chegava do outro lado da linha.

-Blake?

Repeti o nome dele duas vezes, três vezes, mas não valia a pena. Ele já tinha desligado.

Vendo o meu reflexo no espelho na parede em frente, olhei para mim mesma com aversão, mais uma vez, com os olhos cheios de lágrimas. A minha vida estava um caos e consegui que ficasse ainda pior! Por que é que não falei com ele? Qual era o mal? Tinha sido a oportunidade perfeita para fazermos as pazes. É claro que eu podia esquecer a Sara de uma vez por todas e parar de me sentir tão infeliz!

Rapidamente, agarrei no telemóvel e voltei a ligar-lhe, olhando, muito nervosa, para o número dele a piscar, mais uma vez, no visor. O meu coração batia , quase com violência, enquanto esperava que ele atendesse.

Já não queria saber da Sara nem das suas estúpidas partidas. Precisava de falar com o Blake ; naquele momento, nada mais interessava.

Esperei, cheia de impaciência, com o telemóvel encostado ao meu ouvido e a chamar bem alto. Esperei, esperei... até que compreendi, com consternação, que ele não ia atender.

Tive a minha oportunidade. Ele tinha vindo à minha procura e, mais uma vez, eu tinha-o mandado embora.

Enterrando a cara na almofada, comecei a soluçar de novo, mas, desta vez, ainda mais desesperada.

Se ao menos.....

Um pouco mais tarde, quando o telefone voltou a tocar, atrapalhei-me toda, tentando encontrá-lo no meio das pregas da colcha onde me tinha enrolado. Meia a dormir, olhei para o visor, cheia de esperança. Será que ele me ia ligar novamente? Será que ele ia tentar saber se eu tinha mudado de ideias?

Bem, realmente, eu tinha mudado de ideias. Eu queria muito falar com ele. Aliás, ele era a única pessoa com quem eu era capaz de falar. E, naquele preciso momento, eu precisava dele mais do que nunca!

Desapontada, atendi o telefone. Afinal, não era ele. Era uma colega da escola por causa de uma festa que ia haver e para a qual, todos tínhamos sido convidados. Eu já tinha decidido ficar em casa com o meu pai, mas, é claro, o meu plano tinha ido por água abaixo.

-Olá! - consegui responder, tentando que a minha voz soasse normal e não desse a entender que estava meio adormecida.

-Julia! Tens de vir à festa! Vai ser super divertida. De certeza que vais convencer o teu pai a deixar-te ir!

Sorri, por instantes, com todo aquele entusiasmo da Lisa. Embora eu não estivesse com disposição para conversar, fosse com quem fosse, a verdade é que ela tinha o dom fantástico de animar as pessoas. Continuou a falar, sem parar; parecia que a sua alegria contagiante rebentava através do telefone.

Tentei recusar, explicando que não estava com disposição para festas, mas, como de costume, ela foi extremamente convincente; na verdade, a Lisa era o tipo de pessoa a quem dificilmente podemos dizer não.

Contudo, bem no fundo, desconfiava que ela me estava a telefonar, porque não tinha mais ninguém disponível para conversar. A Beth tinha ido de fim de semana com a família. A Suzy tinha ido à cerimónia do fim de curso do irmão, e a Jess não podia sair, porque as notas dela na escola tinham sido uma desgraça. Por isso, calculei que, para a Lisa, eu era o seu último recurso.

Mas, afastei estes pensamentos. Além disso, ocorreu-me que o Blake também podia ir. Sentindo o coração a bater de força só com

a ideia que o podia encontrar, tomei uma decisão: este último cenário fez o clique que eu precisava.

-Claro que vou! - Até eu fiquei surpreendida com a rapidez da minha resposta.

-A sério?? Julia, que fixe! Vamo-nos divertir muito!

Toda excitada, continuou: - A minha mãe disse que me levava de carro; por isso, podemos passar aí e dar-te boleia. Estamos aí daqui a uma hora.

A resposta dela foi tudo o que eu precisava para me tirar o peso da nuvem de auto-comiseração que me estava a esmagar. Contudo, assim que a chamada acabou, veio-me à ideia um detalhe muito pequenino, mas muito importante, que eu tinha esquecido completamente. Ainda não tinha pedido a autorização à minha mãe.

Imaginei a cara dela. Até conseguia ouvir as suas palavras.

-Que festa?

-Onde é a festa?

-Os pais vão estar em casa?

-É melhor que não haja álcool! Tenho ouvido coisas horríveis sobre miúdos que bebem demais nesse género de festas!

Mas, eu queria lá saber! Decidi ir à festa e pronto! Nada me faria mudar de ideias.

“Só quero ver se ela me vai impedir!” murmurei alto, para mim mesma, enquanto voava para o meu armário à procura de qualquer coisa para vestir.

De repente, a minha saia nova azul chamou-me a atenção. Tinha-a comprado há pouco tempo e ainda não a tinha usado. Não era o meu estilo habitual; era mais curta e mais justa do que as saias que eu, geralmente, usava, mas a Beth tinha-me convencido a comprá-la.

-Julia, fica-te mesmo bem! - exclamou ela, toda entusiasmada, quando eu experimentei a saia durante uma das nossas últimas saídas para compras. Entretanto, tinha na mão um top branco, pela cintura, que também me convenceu a trazer.

-Precisas de roupas novas, Julia. Agora a sério, este conjunto faz-te sexy!

Sorrindo, lembrei-me das palavras dela , enquanto tirava as peças do armário . Pus a roupa em cima da cama. Não tinha bem a certeza se o que ela disse tinha sido sincero, mas, lembrar aquelas palavras fez-me sentir bem . Além disso, estava feliz por que tinha uma roupa muito fixe para vestir.

Ao correr para a casa de banho, prestei atenção às vozes no andar de baixo, à espera de ouvir o Barry e a minha mãe, ainda em conversa animada, mas, não havia barulho nenhum . Aliás, a casa estava, estranhamente, silenciosa.

Vendo uma luzinha a brilhar por baixo da porta do quarto do meu irmão, bati antes de enfiar a cabeça. Como sempre, ele estava no computador, com os phones postos e completamente absorvido num jogo qualquer. Para mim, era difícil acreditar que alguém pudesse estar no fim do curso e ser completamente viciado em jogos de computador!

“Bom, é óbvio que ele não tem nada marcado para esta noite” - pensei logo, antes de lhe perguntar pela nossa mãe.

Como sempre, ele ainda não tinha dado por mim; por isso, tive de lhe arrancar os phones dos ouvidos para me dar atenção.

-O que é? - gritou, com a irritação estampada no rosto. – Qual é o problema?

-Sabes onde está a mãe? - perguntei pela quarta vez.

-Foi ao cinema!

-Com o Barry?? – perguntei, abanando a cabeça, enojada.

-Não sei. Ela só me disse que ia chegar tarde e que havia restos no frigorífico.

-Fantástico! - suspirei, torcendo o nariz só de pensar na pessoa que, de certeza, estava com ela.

-Se ela voltar a casa, não te importas de lhe dizer que, hoje à noite, fico em casa da Lisa ?

Mas, as minhas palavras caíram em orelhas moucas. Ele já tinha posto os phones, outra vez, e estava muito entretido com o jogo. Podia rebentar uma bomba, mesmo ao lado da janela do quarto; aposto que ele ia continuar totalmente alheio ao que se estaria a passar à sua volta.

Revirando os olhos, nem me preocupei mais em repetir-me; deixei-o lá, imerso nas coisas dele e fui tomar um duche. Tinha de me despachar depressa para estar pronta quando a Lisa chegasse para me vir buscar. Pelo menos, não teria de negociar a permissão da minha mãe e senti-me muito grata por alguma coisa estar a meu favor. Finalmente!

Pouco tempo depois, cheia de ansiedade, estava a entrar para o banco de trás do carro da Lisa. Senti logo toda a sua excitação. Ela virou-se para trás para cumprimentar, e, discretamente, apontou para um saco que estava em baixo, perto dos meus pés. Espreitei para dentro e vi a garrafa que estava meio escondida debaixo do casaco dela. Com um sorriso maléfico, ergueu as sobrancelhas e voltou-se para a frente para continuar a conversa com a mãe, que - é claro! - não fazia a mínima ideia das intenções da filha.

Ao contrário dos meus pais, parece que os pais da Lisa costumavam ter os armários bem equipados com bebidas alcoólicas ; a Lisa já se tinha gabado, mais do que uma vez, de que era capaz de andar pela casa, sorrateiramente, e fazer qualquer coisa sem eles darem por nada.

Rindo para mim mesma, tive um vislumbre do que aquela noite ia ser. Contudo, não consegui imaginar, nem por sombras, o que me esperava.

Mais tarde, recordei a série de acontecimentos que tornaram possível a minha presença na festa. Primeiro, tinha decidido ficar em casa com a minha família, incluindo o meu pai; se isso tivesse acontecido, a minha noite teria sido bem diferente...

Se ao menos o meu pai tivesse vindo passar o fim de semana...

Se ao menos eu tivesse falado ao telefone com o Blake e partilhado o que eu, realmente, sentia...

Se ao menos eu não tivesse atendido o telefone quando a Lisa me ligou...

Se ao menos a minha mãe estivesse em casa para não me deixar sair...

Se ao menos...

Terror...

Olhei através da janela do carro, mas só consegui ver a escuridão da noite. O meu instinto dizia-me para abrir a porta e fugir, fugir para muito longe. O problema é que eu não tinha a menor ideia do sítio onde estávamos. Estava muito escuro e tínhamos dado muitas voltas.

O meu coração batia descompassadamente; mal me atrevia a olhar para ele. -Onde.. onde é que estamos? - As palavras enrolavam-se na minha boca, enquanto eu engolia em seco, muito nervosa. Comecei a sentir gotinhas de suor nas minhas sobrancelhas e uma sensação de enjoo no meu estômago.

- Tem calma! – Foi a resposta, pronunciada de modo indistinto.

-Eu quero ir para casa! Por favor, leve-me para casa! – pedi-lhe, cheia de remorsos. Por que razão tinha eu aceitado boleia com este homem? Mal o conhecia. Na verdade, só o tinha conhecido poucas horas antes. Pensar no que poderia ter feito não ajudava nada

-Está tudo bem, querida. Vamos curtir um bocadinho! - A resposta dele ainda me assustou mais e a minha dor de estômago ficou pior.

Engolindo em seco, pedi-lhe outra vez: -Por favor, leve-me para minha casa!

Sentada , quase hirta no assento, com os dedos no fecho da porta do carro, estava preparada para a abrir e fugir. Mas, nesse momento, senti a mão dele, áspera, no meu ombro, puxando-me, bruscamente, para ele. Antes de ter tempo de reagir, fiquei completamente sob o seu domínio.

Senti o bafo de álcool e a barba por fazer a roçar a minha cara; quando senti as mãos dele a procurar, às cegas, tive vontade de vomitar. A cena era surreal e eu rezava para que não fosse verdade. De certeza que tinha de ser um pesadelo e eu ia acordar a qualquer minuto.

Cenas da festa que tinha ficado para trás inundaram o meu pensamento. A Lisa tinha olhado para mim, com as sobrancelhas levantadas, estupefacta com a minha saída repentina. Despedi-me rapidamente, mas eu tinha de sair dali, eu tinha de ir embora. E,

aquela oferta de boleia para me levar a casa tinha-me parecido uma boa solução.

“Claro,” - aceitei avidamente, convencida que era uma ideia fixe. Isso, acrescentando o detalhe de que iria sair da festa acompanhada por um dos rapazes mais sexy que estavam na festa. Ele era um aluno finalista, chamado Joe Cook e frequentava outra escola. Eu sabia que sair assim da festa ia chamar a atenção de todos, mas, na verdade, era a atenção do Blake que eu queria atrair.

O Blake esteve a namoriscar a noite toda; mas, não comigo. Se ele tinha feito aquilo tudo para me provocar ciúmes, não havia dúvida que tinha conseguido. Se ele queria fazer joguinhos, então, eu também podia fazer o mesmo. E queria que ele visse bem.

Eu já sabia que aquele Joe estava interessado em mim. Percebi logo que o vi a olhar-me do outro lado da sala.

“Ele está a fazer-se a ti!”- disse a Lisa , dando-me uma cotovelada discreta.

Envergonhada, não lhe dei ouvidos; ignorei aqueles olhares de assédio que o Joe me lançou a noite toda. Até ele se aproximar e ficar ao meu lado.

-Nunca te tinha visto em festas como esta!- exclamou. – Moras aqui há pouco tempo?

-Sim, mais ou menos isso – retorqui vagamente, sem mostrar grande interesse.

Mas, não demorou muito até começarmos uma conversa amigável e, com a ajuda da Lisa, até dancei com ele. Ele dançava muito bem e foi divertido. Tinha a certeza de que as bebidas que já tinha tomado, também, estavam a ajudar-me a descontraír. Depois de uns copos, tudo parece muito mais fácil!

Contudo, de repente, vi o Blake no outro lado da sala, com o braço à volta de uma miúda desconhecida, a fazer-lhe carícias, sempre a olhar, descaradamente, na minha direção.

Foi nessa altura que eu tive de ir embora.

A sensação desagradável de sentir aquelas mãos indesejadas a percorrer-me o corpo desviou-me dos meus pensamentos e, com um gesto brusco, empurrei-o.

-Sai de cima de mim!

As palavras foram diretas e duras; a minha mensagem foi clara. Eu não queria nada daquilo. Mal conhecia este homem. Tinha aceitado a oferta da boleia para casa, mais nada!

Mas, ele não me largava. Apertava-me com força e as mãos dele não paravam de avançar, por baixo da minha roupa, apalpando-me a cintura. Debatí-me para tentar afastar as mãos dele. Foi, precisamente nessa altura, que ele mudou de atitude. Passou de um bêbedo mal amanhado e nojento para outra coisa que não consigo explicar. Como se estivesse possuído, as mãos dele passaram a ser muito mais duras e atrevidas.

-Aiiiii! Páre, está a magoar-me! - Os dedos dele estavam fincados no meu braço com toda a força; então, vi nos seus olhos um sinal de agressividade. Eu sabia que estava em apuros.

-Só quero ir para minha casa – roguei-lhe uma vez mais.

Ignorando-me por completo, afastou-me a perna e inclinou-se tentando beijar-me com uns lábios todos húmidos. A súbita repulsa que eu senti fez subir a adrenalina e dei um forte encontrão na porta do carro para que ela abrisse. Senti que ele me apertava ainda mais, mas, quase com uma força sobre humana, consegui escapar.

A minha bolsinha!

Aquela lembrança atingiu-me com feroz intensidade e, apesar de saber que era melhor esquecê-la, não podia deixá-la, de maneira nenhuma, no carro dele com todos os meus cartões de identificação. Rapidamente, procurei pela alça, no interior do carro, pensando que podia agarrá-la e fugir. Eu tinha consciência de que não fazia a mínima ideia onde estava, mas isso era o que menos me preocupava naquele momento. Então, quando estava mesmo a virar-me para fugir para a segurança da escuridão, senti um doloroso puxão de cabelos.

Mas, por que é que eu não o preendi? De repente, fui apanhada por causa do meu erro absurdo.

Achei tão estranho que pensamentos tão díspares pudessem vir à cabeça nos momentos mais inoportunos. Mas, tinha resolvido usar o cabelo solto, caído nas costas, depois de o ter lavado. Até fiz um esforço para usar o secador e o esticador da minha mãe, o que era algo que eu, raramente, fazia, porque nunca ligava nada ao

cabelo. Lembrava-me de ter pensado, enquanto olhava para o espelho, cheia de pressa para me arranjar, que todas as miúdas da minha idade tinham um alisador de cabelo, enquanto eu ainda usava o da minha mãe, já fora de moda. Bem típico da minha vida naquela altura!

Se eu tivesse prendido o cabelo, com aqueles acessórios tão fixes que todas usavam, ele não teria sido capaz de me ter agarrado daquela maneira.

Aiiiiii! Todos aqueles pensamentos sobre alisadores de cabelo e um cabelo esvoaçante foram, bruscamente, interrompidos, quando senti que ele me estava a bater, segurando-me pelos cabelos. Então, de repente, completamente zonga e desorientada, fui atirada para o chão com um gesto brusco.

Mais tarde, quando recordei o terror que senti nesse momento, tive a sensação nítida que tinha visto a cena de cima. Não é isso que acontece quando estamos a morrer? Sei que já li qualquer coisa sobre isso. Tinha a certeza. Embora, na verdade, eu não estivesse prestes a morrer. Acho que, naquela altura, ainda me senti mais aterrorizada!

A sensação de estar a flutuar e a observar a cena a desenrolar-se, lá em baixo, ainda me persegue. Será isso que acontece quando entramos em pânico?

“Por que é que ele me está a tapar a boca?” - Aquele pensamento passou pelo filtro do meu inconsciente quando senti a mão dele, áspera e calejada, a tentar ,desesperadamente, tapar-me a boca, enquanto a outra mexia, atabalhoadamente, debaixo da minha saia. Olhando para baixo, como se estivesse suspensa, vi claramente o desespero dos meus movimentos, abanando a cabeça de um lado para o outro, lutando por me libertar. Mas, o peso do corpo dele em cima do meu pregava-me ao chão e eu não tinha como fugir.

Foi, então, que ouvi um grito estridente. Um grito que parecia nunca mais acabar . Sem parar, o grito cortava o ar da noite e a sua intensidade era de arrepiar, de gelar o sangue.

De repente, percebi que ele tentava, furiosamente, impedir que os sons escapassem. Ironicamente, quanto mais eu abanava a

cabeça de um lado para o outro, tentando libertar a boca daquela garra, mais intenso era o som. Acho que, na altura, não me apercebi, mas, aqueles gritos saíam da minha garganta, desesperados e ininterruptos, e eu não conseguia parar de gritar.

Agora, estou plenamente convencida que foram aqueles gritos que me salvaram. As tentativas desesperadas daquele homem para me calar foram inúteis perante a adrenalina que me percorria o corpo. Foi por essa razão, que ele, subitamente, se levantou, correu para o carro, e arrancou a toda a velocidade.

Incrédula, vi o carro desaparecer, com os pneus a chiar, deixando uma nuvem de pó e gravilha a pairar no ar. Só então percebi que tinha conseguido escapar por milagre; as minhas orações tinham sido ouvidas. Olhando em volta, cheia de medo, tentei perceber o que tinha acabado de me acontecer.

Respirando a custo e ainda em estado de choque por ter vivido aquele filme de terror, ou como se tivesse visto um crime horrível, consegui levantar-me, com muito custo, e fugir na direção oposta. Tinha escapado sã e salva; quanto mais pensava no assunto, mais estranho tudo me parecia.

Sem ligar às silvas bravas que me arranhavam a carne, comecei a caminhar sem saber para onde ir. Às cegas, fugi a correr, só queria estar em segurança. De repente, reparei que estava na berma de uma estrada cheia de movimento, com os carros a buzinares quando passavam por mim.

-Ei, queres uma boleia?

Ansiosa, vi um carro de cor escura abrandar até parar. Abriu-se uma janela. Mesmo à minha frente, surgiu uma cabeça desgrenhada; uma cara desfigurada que me olhava fixamente.

Baixei a cabeça, ignorando aquela voz irónica, e continuei a caminhar, agarrando bem a bolsinha que tinha ao ombro. Então, ouvi um chorrilho de obscenidades que jorravam da janela aberta quando o condutor arrancou; para meu grande alívio, vi o carro passar por mim, a toda a velocidade.

Senti as lágrimas a correrem-me pela cara. Isto não podia estar a acontecer comigo! Era uma situação que eu costumava ver nos

jornais ou na televisão. Como é que eu, Julia Jones, acabei por me ver envolvida numa coisa assim, tão incrível e assustadora?

Comecei a soluçar baixinho, caminhando, penosamente, pela estrada fora. Sempre que ouvia o motor de um carro a aproximar-se, escondia-me na escuridão dos arbustos na berma da estrada. Não fazia a mínima ideia onde estava e que distância teria de percorrer. Entretanto, veio-me à ideia a imagem do meu telefone, que ficou pousado em cima da secretária no meu quarto.

Eu já tinha dito à minha mãe, milhões de vezes, que precisava de um telefone novo. Andava com o telefone dela, velho e sempre a ficar sem bateria.

“ Só precisa de uma bateria nova” - Era sempre a resposta dela.

Mas, é claro, a bateria ainda não tinha sido substituída e, como estava descarregada, antes de sair para a festa, decidi que não valia a pena levá-lo comigo.

De repente, vi um néon a piscar: era um Motel. Pensei em bater à porta na esperança que alguém me pudesse ajudar, mas, à medida que me aproximava, reparei que estava tudo escuro e não se via ninguém por perto. A escuridão era tanta que tive de apalpar a porta da frente à procura de uma campainha de serviço; nada. Espreitei através da janela, mas estava tudo escuro. O lugar parecia deserto.

Quando estava mesmo a desistir e voltar à estrada, reparei numa rampa íngreme que ia dar a uma garagem no piso inferior. Como estava aberta, decidi descer para aquelas profundezas e procurar abrigo no meio dos carros que lá estavam. Qualquer coisa me parecia melhor do que andar sozinha numa estrada escura, àquela hora da noite. Dirigi-me para um cantinho da parede do fundo, onde fiquei agachada, escondida na escuridão, até o nascer do dia.

Tenho a certeza de que a recordação dessa noite me vai acompanhar pela vida toda! Na manhã seguinte, lembro-me que fiquei muito aliviada quando descobri, em plena luz do dia, que estava perto de casa. Na noite anterior, foi tudo tão estranho e horrível, que eu, completamente desorientada, não fazia ideia onde

estava. Outra coisa estranha é que o Motel sempre tinha estado ali e eu nunca me tinha apercebido da sua existência.

Dirigi-me para casa. Ainda em choque, recordei o pesadelo que tinha vivido. Era difícil de acreditar como tinha conseguido sobreviver àquele pesadelo, ilesa. Além do enorme cansaço e dos arranhões nos braços e nas pernas, tinha conseguido escapar. Profundamente grata pelo milagre (não podia ter sido outra coisa!), respirei fundo várias vezes, tentando acalmar o pânico que ainda estava a sentir.

Felizmente, a minha mãe e o Matt ainda estavam a dormir quando, sorrateiramente, entrei em casa. Esgueirei-me pelas escadas acima, evitando o degrau que rangia sempre e que o Barry ainda não tinha consertado. Aliás, havia consertos e renovações a mais, para meu gosto. Quando é que tudo ficaria, finalmente, pronto para não ter de olhar para aquela cara feia outra vez? Já não era sem tempo.

Estes foram os meus últimos pensamentos antes de me atirar para cima da cama e, agradecida, deitar a cabeça na almofada. Só queria dormir e descansar. Não queria ver ninguém nem pensar em mais nada. Quando estava mesmo a mergulhar no sono, de repente, surgiu-me a imagem do Blake, com a mão esticada puxando-me para ele.

Rumores...

Na semana a seguir, fui para a escola de jeans e uma camisa de manga comprida para esconder os arranhões que ainda me cobriam os braços. Decidi não contar nada à minha mãe sobre o caso, porque já sabia o que ela iria dizer, além de mostrar muita raiva pela minha estupidez. Não tive coragem de lhe contar. Mas, a não ser ela, não tinha mais ninguém com quem desabafar. Contudo, quando vi a Lisa, na entrada da escola à espera do toque da campainha, notei que ela estava desesperada por ouvir todos os detalhes.

-Meu Deus, ele era tão sensacional! - disse ela, com um sorriso forçado. E continuou: -O que é que aconteceu quando o Joe te levou a casa de boleia naquela noite? Vá, conta-me tudo!

Mas, a Lisa não era nada o tipo de pessoa com quem eu pudesse partilhar o que me aconteceu naquela noite terrível. Tal como as outras colegas, a Lisa era simpática comigo, mas não era uma amiga verdadeira, alguém a quem eu pudesse revelar os meus segredos. Desde que voltei de Carandale, ainda não tinha encontrado ninguém em quem pudesse confiar. Tinha esperança que a Millie voltasse depressa para casa, depois da viagem ao estrangeiro, e reatássemos a nossa amizade, uma amizade muito grande que nos uniu enquanto fomos colegas no 3º ciclo.

Impaciente, a Lisa olhou para mim: -Vá lá, Julia. Conta-me tudo! Aposto que ele beijava muito bem!!

-Deves estar a brincar! Não sei nem quero saber! - A minha resposta brusca estava cheia de repulsa. A recordação daquela noite de sexta-feira ainda estava muito viva na minha memória.

Depois, voltei-lhe as costas. Com a surpresa estampada no rosto, ela mostrou bem que não esperava aquela reação da minha parte. Mas, a surpresa depressa se transformou em curiosidade, e percebi que ela desconfiou que eu estava a esconder algo.

-O que queres dizer com isso? - perguntei , irritada. - De que é que estás a falar?

- Bem, segundo o que ele contou ao Jake, um amigo da minha irmã Ronnie, parece que vocês fizeram muito mais do que trocar beijos!

Vendo o meu ar horrorizado, a Lisa parou de fazer gracejos. Perante a minha reação, desabafou em voz alta: -Pronto, Julia. Quem sou eu para te julgar? Só te estou a contar o que ouvi dizer por aí. A Ronnie disse-me que estão a circular montes de estórias sobre o que aconteceu depois da festa.

Quando viu os olhares curiosos à nossa volta, a Lisa decidiu baixar o tom de voz. -Achei que devias saber, Julia. Só estou a repetir o que a Ronnie me contou.

- Bom, então a Ronnie está a mentir, Lisa! Não aconteceu nada. Ele estava bêbado e era nojento! E, se queres mesmo saber a verdade, saí do carro e fui para casa, a pé. Ele não passa de um anormal e espero não o voltar a ver. Nunca mais!

Balbuciando estas palavras de forma atabalhoada, esperava, ansiosamente, que ela acreditasse em mim. De repente, senti o estômago às voltas, só de pensar nos boatos incríveis que andavam a circular.

A expressão de curiosidade transformou-se em cepticismo. Percebi que ela duvidava do que eu estava a dizer. Era a palavra dele contra a minha e, pela centésima vez, amaldiçoei a hora em que aceitei a boleia dele.

Eu nem queria acreditar no que tinha acabado de ouvir, mas não estava com disposição para partilhar outros detalhes. Tinha a certeza absoluta de que, se contasse mais coisas, toda a escola iria ficar a saber e isso era a última coisa que eu queria. Vendo como eu fiquei incomodada, a Lisa resolveu mudar de assunto e começou a falar sobre ela. Embora eu não estivesse nada interessada naquela conversa, fingi que estava entusiasmada a ouvi-la, mas, subitamente, senti uma náusea enorme no estômago.

Eu não estava mesmo nada interessada em ouvir o que lhe tinha acontecido, naquela noite, com um jogador de futebol que ela conheceu na festa. Muito menos, depois de tudo o que sofri. No fundo, sabia que devia contar a alguém o que me tinha acontecido, mas não era capaz. Contar parecia quase tão mau como o que aconteceu. Além disso, era a palavra dele contra a minha. Esse era, talvez, o maior impedimento! Esse e outros; já tinha ouvido falar sobre miúdas que tinham apresentado queixa na polícia e foram

acusadas de terem sido elas as culpadas por terem seduzido o atacante.

“Não há dúvida!” - disse para mim mesma, lembrando o incidente, com profunda aversão.

Contudo, a questão era muito mais complicada do que parecia; no fundo, tinha consciência que parte da culpa era minha. Aceitar boleia foi mesmo uma estupidez; principalmente, de alguém que eu mal conhecia e que tinha estado a beber a noite toda. Foi uma completa idiotice. Durante o fim de semana, não consegui deixar de pensar no caso, chegando à conclusão de que nada teria acontecido se eu não tivesse agido de forma tão impulsiva.

Mas, depois de ter ouvido a Lisa, talvez eu tivesse feito mal em não ter denunciado o que me aconteceu. Agora, era mesmo a palavra dele contra a minha

“Decide sempre com sensatez, Julia!” - A voz da minha mãe ecoava na minha cabeça.

A voz da minha mãe era muito nítida na minha cabeça. Lembrou-me de revirar os olhos enquanto a imitava com sarcasmo. Ela não nunca perdia a oportunidade de me dar uma das suas habituais lições de moral, o que eu sempre detestei.

“Se calhar, devia ter dado mais ouvidos à minha mãe!”- Este pensamento surgiu no meu inconsciente, mas, depressa o afastei quando me lembrei da persistência dos comentários dela naquela manhã.

“Julia, já arrumaste o teu quarto? Assim que chegares a casa, quero o quarto limpo. Está uma desgraça! O Barry ainda não arranjou a porta do teu armário e até fico envergonhada se ele entrar e vir como o quarto está!”

A simples menção do nome dele foi o suficiente para eu rebentar de raiva e começar um duelo de gritaria, atirando-lhe à cara a amizade com aquele tipo de quinta categoria, que se intitulava um trabalhador qualificado. Bem, aquilo que eu disse acabou por provocar a reação que eu estava à espera. Com um malévolos sorriso de satisfação, atirei com os pratos para a banca cheia de água, espalhando espuma e água por todo o lado: armários, janela e chão da cozinha. A seguir, para ter a certeza de que tinha

provocado uma verdadeira tempestade, saí de casa , atirando com a porta da frente com toda as forças que ainda conseguia reunir . O estrondo foi enorme.

A verdade é que eu já não conseguia estar ao pé dela. A minha mãe irritava-me solenemente. Resolvi, então, convidar alguém da escola para darmos uma volta no shopping, durante a tarde. Qualquer coisa era melhor do que voltar para casa e olhar para ela!

Felizmente, nesse momento, tocou a campainha para intervalo e a imagem da cara furiosa da minha mãe desvaneceu-se enquanto saíamos da sala de aula. Além do aviso da Lisa, eu tinha outras coisas mais importantes em que pensar.

Na semana anterior, tínhamos sido avisados que a professora de Inglês ia embora e vinha uma professora nova para a substituir; por isso, estávamos todos muito curiosos para ver quem era ela. Ficámos todos muito tristes, quando nos disseram que a Menina Fitz (era assim que a tratávamos) ia ser transferida para outra escola. Gostávamos muito dela; era a nossa professora mais fixe e não queríamos que ela se fosse embora. Além de ser jovem e muito bonita, andava sempre na moda. Comentávamos sempre as roupas que ela usava e , no fim das aulas, conversávamos com ela sobre as últimas tendências da moda. Era mesmo muito fixe! A maneira como ela nos ensinava Inglês era divertida; as aulas dela eram uma lufada de ar fresco comparadas com as aulas chatas que tivemos antes. Toda a gente estava ansiosa pelas aulas dela; era, ridiculamente, injusto que ela tivesse de ir embora.

Assim que entrei na sala para ter a aula de Inglês, percebi logo que a nova professora, a Sra. Bromley, não podia ser mais diferente da nossa querida Menina Fitz.

No lugar da jovem bonita que costumava rir com as nossas piadas e tornar as aulas super-divertidas, estava uma mulher de meia-idade, baixota e gordinha, com uma voz esganiçada, que, imediatamente, ordenou que nos sentássemos mal entrámos na sala, porque não se podia perder tempo.

“Mas, que apresentação!” - pensei, por instantes, enquanto me sentava no meu lugar. Curiosa, fiquei a olhar para ela. Ainda mal nos tínhamos sentado, já ela estava a mandar-nos abrir o livro e

fazer os exercícios da página 104. Depois, tivemos de completar as dez páginas que se seguiam; caso contrário, ameaçou bruscamente, ficariam para trabalho de casa para o dia seguinte.

-Está a falar a sério?! - ouvi uma voz masculina perguntar com espanto. Quando olhei para trás, vi, pelas caras dos meus colegas, que todos partilhavam a mesma incredulidade.

-Claro que estou a falar a sério. Muito a sério, mesmo! - respondeu ela com frieza, olhando fixamente o rapaz que tinha feito a pergunta. - Outro comentário como esse e ainda acrescento mais dez páginas extra ao seu trabalho de casa para amanhã!

A maneira como ela respondeu provocou o silêncio total da turma. Olhei em volta e percebi que ninguém estava com vontade de contra-argumentar. Acho que nunca tinha visto a turma tão calada; não se ouviu uma palavra durante a aula até que, finalmente, a campainha voltou a tocar e saímos para intervalo.

-Mas que cena maluca!

- Nem acredito que ELA substituiu a Menina Fitzsimmons!

-Oh, my God! Ainda só tivemos uma aula e já não a suporto!

Os comentários começaram logo depois de estarmos suficientemente afastados da nova professora de Inglês para ela não nos ouvir. Era muito injusto termos uma professora como ela. Concordei plenamente com os meus colegas, partilhando as suas queixas.

Assim que nos sentámos no sítio habitual para estarmos juntos um bocadinho durante o intervalo, vi a Sara passar, em amena conversa com uma colega. Rapidamente, desviei o olhar, na esperança que ela não me tivesse visto. Era a primeira vez que a via desde o incidente com a boneca de vodu que estava escondida no meu cacifo. Tinha feito tanto esforço para me esquecer daquele episódio!...

Mas, infelizmente, sem me conter, dei uma espreitadela para o sítio onde ela estava. Nesse preciso momento, ele virou-se e olhou para mim. Senti um baque no coração; com o olhar fixo em cima de mim, vi-a abrir a boca para falar. Estava aflita com medo do que ela pudesse dizer, mas, para meu alívio, hesitou por segundos e voltou a fechar a boca sem fazer qualquer comentário malicioso. Contudo,

ficou a olhar para mim intensamente; um olhar diabólico, vingativo , cheio de rancor. Talvez à espera de uma reação da minha parte, continuou a fixar-me enquanto passava por nós. O olhar dela deu-me volta ao estômago; sentia-se a tensão que pairava no ar.

Cheia de ansiedade, senti o coração a bater mais depressa com aquele olhar de ódio que ela me lançava. O azul intenso dos olhos dela era a cor que ensombrava os meus sonhos.

-Afinal, qual é o problema dela? - perguntou a Beth, em seguida, mal a Sara se tinha afastado e não nos podia ouvir. -Sim! Reparaste como ela olhou para ti, Julia? Afinal o que é que se passa? – comentou a Lisa, fazendo aumentar a sensação de desmaio que eu sentia pela espinha acima

-Não faço ideia! - menti, desejando estar noutra sítio qualquer onde a Sara não estivesse por perto. Então, de repente, mudei de assunto, tentando libertar-me daquela sensação desconfortável , um pressentimento de que algo estava prestes a acontecer.

Algo inesperado...

A minha expedição ao shopping, no fim das aulas, foi melhor do que eu esperava. Embora eu pudesse ter ido sozinha, sabia que seria muito mais divertido se tivesse a companhia de uma amiga. Acabou por ser a Lisa, porque era a única que tinha a tarde livre. Além disso, quando a convidei, ela ficou super entusiasmada

- Tenho montes de trabalhos de casa para fazer, mas, quero lá saber!

Com esta resposta tão rápida, foi fácil deduzir que não ia precisar de muitos argumentos para a convencer a ir comigo. Por outro lado, fiquei contente por não ir logo para casa.

No autocarro, a caminho do shopping, ela falou-me de uma loja nova, que abrira há pouco tempo e vendia roupa muito fixe de designers famosos.

- Podíamos ir lá dar uma olhada. Nunca se sabe, podem estar em saldos - acrescentou, otimista. -As roupas são fabulosas, mas muito caras!

Consegui perceber alguma frustração na voz dela. Sempre tinha ouvido dizer que a Lisa recebia uma mesada generosa, o que explicava as roupas lindas que ela tinha; pensei que, se calhar, não era bem assim.

Ela insistiu muito e foi tão convincente que , num ápice, estávamos as duas a experimentar tops sensacionais, jeans e casacos de marca, malhas coloridas ... Apaixonei-me logo por uma camisa de manga comprida que ela escolheu para mim e me convenceu a experimentar. Era preta e justinha, com um desenho fixe estampado na frente. Ia combinar lindamente com a minha saia nova, mas, quando olhei para a etiqueta com o preço, vi que custava muito mais do que eu podia pagar.

A Lisa olhou para mim, pensativa, e continuou a experimentar as várias peças que estavam penduradas no gabinete de provas. Por fim, enfiou uns jeans brancos e justos, de cintura subida, que lhe ficavam mesmo bem. Ela era muito elegante e os jeans realçavam-lhe as formas. Um bocadinho invejosa, concordei que ela devia, decididamente, comprar aquele par de calças. Foi só o que ela quis ouvir; sem hesitar mais, puxou do cartão de crédito e

dirigiu-se à caixa registadora para pagar as calças. Muito simpática, meteu conversa com a assistente da loja, sorrindo, educadamente, enquanto inseria o código do cartão. Durante este tempo, fiquei ali, a olhar, tentando perceber como ela podia gastar \$200 num par de calças, sem pestanejar, mesmo depois de se ter queixado que as roupas eram demasiado caras.

Depois de sairmos da loja, decidimos ir beber um chocolate quente na nossa cafeteria favorita e escolhemos uma mesa ao fundo. Então, ela abriu a minha mochila e, discretamente, tirou um monte de roupa nova com as etiquetas ainda dependuradas, colocando-as na cadeira ao lado. Eu nem queria acreditar no que estava a ver!

Vendo como eu fiquei chocada, explicou, deliciada, com um sorrisinho malandro: -Julia, é tão fácil! Só tens de distrair a menina da loja com uma compra qualquer e sair porta fora. Se tu comprares qualquer coisa, eles não vão desconfiar que roubaste outras peças da prateleira. Resulta sempre!

Completamente atónita, olhei para ela, sem conseguir acreditar no que ouvia: -O quê?! Mas, tu, afinal, roubas as roupas?!

Horrorizada, contabilizando a extensão do que ela tinha feito, explodi, furiosa: -Mas, tu puseste essas coisas na minha mochila, Lisa! Sabes que há câmaras de vigilância por todo o lado! E se eu tivesse sido apanhada?

Incrédula, olhava para as peças de roupa que ela tinha enfiado no fundo da minha mochila. Ao todo, aquela roupa devia valer, pelo menos, \$500, e eu sem fazer a mínima ideia de que estavam dentro da minha mochila. Recordei tudo o que se tinha passado dentro da loja e não consegui compreender como ela tinha conseguido escondê-las sem eu dar conta. Estarrecida, olhava para as roupas, em silêncio, enquanto pensava na minha figura de parva, a sair da loja, com a mochila carregada de coisas roubadas. Então, a tremer de fúria e medo, pensei nas possíveis consequências se eu tivesse sido apanhada.

-Não posso ficar com isto, Lisa! Temos de devolver estas coisas!

Foi então a vez dela olhar para mim, incrédula: -Estás a brincar? Nem pensar, Julia! Tive este trabalhão todo e gastei \$200 num par

de jeans só para deitar a mão a isto tudo. Nem pensar em devolver!

Abanei a cabeça, discordando completamente. Nisto, a empregada trouxe o nosso chocolate quente que colocou em cima da mesa; enquanto isso, a Lisa escondeu as roupas, rapidamente, dentro do saco.

-Além disso – continuou ela – como é que vamos devolver estas coisas sem sermos apanhadas? É a coisa mais ridícula que eu já ouvi!

Senti uma náusea a subir-me pela garganta quando me lembrei da última vez que tinha tentado roubar numa loja. Um segurança apanhou-me e foi atrás de mim pela rua abaixo. Eu fiquei cheia de medo que a polícia fosse bater à porta de casa e até conseguia imaginar o choque e a surpresa dos meus pais. Depois disso, senti-me tão culpada que resolvi devolver o que tinha roubado e entregá-lo à menina da loja, que ficou sem fala enquanto eu me desmanchava em mil desculpas. Depois, deu-me os parabéns por ter tomado a decisão certa; acrescentou que era preciso ter muita coragem para o fazer. Mas, eu não mereci aquele elogio. Soube isso naquela altura e sei isso neste momento.

-Tens muita piada, Julia! – choramingou a Lisa. – As roupas eram muito caras. De que outro modo é que as podíamos ter? Roupas desta qualidade? São roupas de estilistas, sabes bem! As outras colegas na escola vão ficar roídas de inveja quando nos virem com elas. Além disso, aquele top preto fica-te a matar!

Pensativa, olhei para o top de seda preta que eu tinha experimentado na loja e pelo qual me tinha apaixonado. Eu sabia que ele me assentava na perfeição. Já há muito tempo que eu tinha um fraquinho por aquela marca e sonhava ter uma coisa assim, cheia de estilo. A tentação de ficar com ele começou a tornar-se irresistível.

-Não sei! - respondi. – Acho que me vou sentir culpada todas as vezes que o vestir!

-Olha, vou-te dizer o que vais fazer – replicou ela na sua maneira convincente de falar. – Leva-o para casa e pensa um bocado. Se decidires ficar com ele, então, boa! Se não, dá-mo outra vez. É um top sensacional. Se não quiseses, fica para mim!

Com um suspiro profundo, concordei, embora com relutância. Mas, tenho de admitir que estava cheia de vontade de ficar com ele. Podia ser a única oportunidade de eu ter uma coisa assim, linda, principalmente enquanto ainda andava na escola e a minha mesada era tão limitada.

Sentada, pensativa, ao lado da Lisa, imaginei a cara do Blake e as palavras da Lisa voltaram a soar na minha cabeça.

“ Os rapazes não vão conseguir resistir-te quando vestires esse top, Julia!”

Um sorriso pequeno, mas culpado, começou a formar-se nos meus lábios enquanto imaginava a reação do Blake. Eu não estava interessada em mais ninguém; ele era o único rapaz que eu queria impressionar.

Choque...

Ao fim da tarde, quando cheguei a casa, irrompi pela entrada, furiosa. Só queria correr para o meu quarto com aquela peça roubada, intata, dentro da minha mochila. Decidi esconder o top preto no fundo do armário; mas, antes, insisti com a Lisa para levar o resto para casa dela. Mesmo assim, debatia-me com a minha consciência por ter uma peça de roupa de \$200 na minha posse. Não poderia aceitar, de maneira nenhuma, ficar com mais peças de roupa.

Contudo, continuava sem saber o que fazer; se devia ficar com ele ou não. Esta indecisão acompanhou-me o tempo todo no caminho de regresso a casa. Por um lado, imaginava-me a regressar à loja para, discretamente, devolver o top. Mas, no fundo, sabia que me faltava a coragem que outrora tivera. Precisava de ser muito forte – como fui, quando frequentava o 3º ciclo - para assumir o que aconteceu perante a assistente, que me sorriu enquanto nos dirigíamos para a saída.

Nessa altura, era uma pessoa diferente; uma excelente aluna com um futuro promissor; pelo menos, era o que a minha mãe estava sempre a dizer. O apoio dela e a confiança que depositava nas minhas capacidades, infelizmente, já não existiam. Eu estava por minha conta e risco; não tinha ninguém com quem falar sobre os meus problemas e sobre os meus segredos mais recônditos e sombrios.

Já nem lembrava bem da última vez que me abri com a minha mãe. Agora, só de pensar em voltar a fazer isso dá-me vontade de vomitar. Ela dava-me vontade de vomitar! Dificilmente poderia continuar a pensar nela como a minha mãe. Dificilmente!

Sempre que a via, ficava tão irritada que só me apetecia gritar. Não conseguia compreender como ela tinha conseguido trair a família e tudo por causa daquele homem asqueroso!

Eu já estava a sentir-me muito mal por causa do top roubado, mas assim que entrei em casa e vi o Barry, fiquei completamente perdida. Subi as escadas, agarrando a mochila com firmeza, fazendo de conta que não o vi. Sem dizer uma palavra, ele ficou ali, parado, a olhar para mim intensamente, o que ainda me fez sentir

pior. Encolhi-me contra a parede, tentando afastar-me dele o mais longe possível, quando ele passou por mim. Foi um reflexo involuntário que eu não consegui impedir.

Tinha prometido a mim mesma fazer-lhe frente. Era o meu segredo para me dar forças. Não podia permitir que ele percebesse o meu desespero.

Eu sabia que ele estava à espera que eu reagisse. Percebi que lhe dava um enorme gozo quando me provocava. Tinha a certeza que ele sabia o efeito que isso tinha em mim e que adorava tirar-me do sério. Ele era um homem horrível, um patife nojento, de quinta categoria, baixo, e eu só queria ficar longe dele, o mais possível !

Respirando fundo, levantei o queixo em desafio e olhei para ele com desdém. Ele não podia levar a melhor. Eu sabia que se me encolhesse, ele ia ganhar. Sim, para ele, tudo não passava de um jogo. Agora que eu tinha percebido isso, não podia perder o controlo.

Passou por mim, com um sorriso assustador. Olhou bem para mim com um olhar que chispava como se me quisesse queimar, e dirigiu-se para a casa de banho. Mantive a cabeça bem levantada e devolvi o olhar; tinha de mostrar que era forte. Mas, foram os olhares de relance e aquele sorriso maléfico que me fizeram encolher mais uma vez. Eu sempre tinha desconfiado que ele era um pulha, mas, agora, tinha a certeza absoluta.

Mas que raio é que a minha mãe via nele? Ultrapassava-me por completo. Era algo que eu nunca poderia entender. No entanto, ela nunca iria acreditar em mim se lhe contasse como ele me fazia sentir mal.

“Ó Julia, estás a ser tão parva!” - tinha exclamado, uns dias antes. “O Barry é um homem amoroso. Só quer ser teu amigo! É só isso!”

No fundo, eu sabia que ela estava a gostar da atenção que ele lhe dava. A cara dela iluminava-se quando ele estava em nossa casa. Acho que ela arranjava sempre uma desculpa qualquer para ele voltar. Mas, passado tanto tempo, de certeza que ele já tinha consertado tudo, os tais biscates, como ela costumava dizer.

Então, olhei para a fotografia com os meus pais que estava pendurada na parede e reparei no sorriso do meu pai. Era uma colagem que eu tinha feito para o último aniversário do casamento deles, com fotos de nós os quatro: a minha mãe, o meu pai, o Matt e eu. Todos sorridentes, felizes. Eram fotografias de família, daquelas que esperamos encontrar num álbum ou emolduradas para todos verem. Daquela vez, tinha decidido pendurar a foto na parede das escadas.

À noite, depois do Barry ter ido embora, quando descia as escadas, fiquei a olhar para a foto por breves instantes. A minha mãe tinha-nos chamado - a mim e ao Matt - para termos uma reunião de família na sala de estar. Fiz um sorrisinho de escárnio quando a ouvi usar a expressão.

“Reunião de família. Que piada!” - disse para mim mesma, enquanto descia, penosamente, as escadas.

Já não me lembrava da última vez que tínhamos tido uma reunião de família (como ela gostava de dizer...), mas, tenho a certeza que só se realizavam quando o meu pai estava em casa e ainda éramos uma família normal, com todos presentes.

-Sentem-se – pediu ela, calmamente, assim que o Matt espreitou pela porta. -Tenho uma coisa para vos dizer!

Parecia que ela estava com dificuldade em olhar para nós; na verdade, estava a proceder de uma forma muito estranha. Foi a atitude dela que me chamou mais a atenção; quando vi a expressão estampada na cara, não tive a mínima dúvida de que as notícias não podiam ser boas. Um pressentimento. A dor de estômago voltou, com mais intensidade; demasiado real e penosa para ser ignorada. Então, comecei a sentir um medo horrível. Sentei-me, a ouvir, demasiado atónita para falar.

-O que é que estás a dizer, mãe? – perguntou o Matt, com uma expressão tão incrédula que me encheu de tristeza.

Ele não fazia ideia nenhuma sobre o que se estava a passar à sua volta. Sempre enfiado no casulo do seu pequeno mundo – ser finalista, namoradas, amigos e joguinhos de computador - , o Matt vivia em total alheamento. Mas, pelo menos, ela teve a decência de esperar que o Barry se fosse embora para nos dar a notícia.

A minha intuição estava certa desde o primeiro dia e, apesar de estar chocada até ao mais profundo do meu ser, tive de admitir que já tinha previsto tudo. Os indícios estiveram sempre lá.

-Vou mudar-me para a cidade com o Barry, para o apartamento dele. Vamos viver juntos.

O ar confuso e incrédulo do Matt irritou-me. Senti uma pura raiva, genuína, como nunca tinha sentido antes.

Foi, então, que ataquei: - Então, vais deixar-nos? Deixas o pai, o Matt e a mim...sem mais nem menos?

Abanando a cabeça, sem querer acreditar, olhei para ela, fixamente, demonstrando toda a extensão do meu desgosto e repulsa por causa dos planos dela.

-Não percebo nada! – exclamou o Matt, olhando para nós as duas. A sua voz triste quebrou o silêncio que reinava na sala.

-Ela vai nos deixar, Matt. Ela vai viver com aquele anormal; aquele horrível carpinteiro nojento que tem estado em nossa casa desde que o pai se foi embora. Se calhar até já dorme com ele na cama do pai!

Ela olhou para mim, sem conseguir falar. A palavra “culpa” estava escrita na cara dela.

-ODEIO-TE!!!!!!!!!!!!!!” – cuspi as palavras em cima delas. Depois, subi as escadas a correr, enfiei-me no quarto e atirei com a porta.

Tive de sair da sala. Não aguentava estar ao pé dela nem mais um minuto.

Como é que ela é capaz de nos fazer isto?

Como é que ela é capaz de fazer isto ao meu pai?

A minha cabeça andava à roda com tanta raiva e emoção que eu já não aguentava mais.

Como é que o meu pai ia reagir quando soubesse?

Será que ele já sabia?

Será que ela já lhe contou?

Então, e eu e o Matt? Nós ainda estamos na escola! Será que ela pensou neste pequeno pormenor?

Comecei a andar às voltas no quarto, incapaz de estar quieta ou de me sentar. Estava a ficar descontrolada. Sentia-me completamente esmagada e para lá do desespero. Nesse preciso

momento, reparei no bocadinho de seda preta que espreitava pela minha mochila aberta. Tinha a certeza de que a tinha atirado para um canto, depois de ter corrido para o meu quarto a fim de evitar o Barry. Agarrei rapidamente naquele bocado de tecido, amarfanhei-o, e atirei-o para o cesto dos papéis. Queria lá saber de roupas de grife! Já nada disso me interessava! Eu só queria a minha família de volta! Eu queria que as coisas voltassem a ser como eram! Tínhamos sido tão felizes quando vivíamos no campo. Nessa altura, a vida era tão fácil! Tinha os meus amigos, a minha linda pónei, a Bella, e tinha a minha família.

Como é que tudo começou a correr tão mal?

Distrações....

As semanas passaram; um dia a seguir ao outro. Eu e o Matt começámos a ficar habituados a ter a casa por nossa conta. Além disso, as visitas da minha mãe tornaram-se cada vez mais raras.

A princípio, ela vinha todos os fins de semana; comprava comida, cozinhava e limpava; enfim, fazia as tarefas que todas as mães, geralmente, costumam fazer. Todas, menos comunicar com os filhos.

Quando ela estava em casa, mal lhe dirigia a palavra e procurava sempre uma desculpa qualquer para sair. Ou então, escondia-me no quarto. O Matt fechava-se na sua concha e raramente falava na nossa situação. Ele recusava-se a falar sobre isso e, apesar de parecer estar bem, desconfio que ele ainda estava mais magoado do que eu.

Ainda não era capaz de perceber como ela pode fazer o que fez. Como é que uma mãe deixa, assim, os filhos? Eu sei que já não éramos umas crianças. O Matt era finalista de curso; claro que tínhamos idade suficiente para vivermos por nossa conta, mas, não era uma situação normal. Que espécie de mãe é que faz uma coisa destas? Com que direito é que ela nos deixou e deixou o meu pai? Com que direito é que ela destruiu a nossa família?

O mais estranho de tudo é que eu e o Matt estávamos a conseguir sobreviver, coisa que, à partida, eu julguei impossível. Mas, ela disse que íamos ser capazes. Acrescentou que tinha a certeza absoluta de que íamos ficar bem.

“ Eu não iria embora se não achasse que tu, Julia, ias ser capaz de lidar com a situação. Foste sempre muito madura e crescida. Desde pequenina que sempre agiste como uma menina mais velha e eu confiei sempre em ti. Tenho a certeza que vão ficar bem. Além disso, venho todos os fins de semana para controlar as coisas e ver como vocês estão.”

Depois, fez as malas e foi-se embora. Mas, estava muito enganada se pensava que telefonar todas as noites era o suficiente para controlar tudo! Pelo menos, era a minha opinião! Eu não estava nada interessada em falar com ela. Não tinha nada para lhe dizer e preferia passar o telefone ao Matt, que geralmente, mantinha um

diálogo muito curto, respondendo com monossílabos secos, o que me agradava muito. Ela não merecia mais do que isso.

Em breve, ela deixou de telefonar tantas vezes. Primeiro, ouvíamos o telefone a tocar todas as noites; depois, cada vez menos até se reduzir a uma chamada por semana. As visitas dela, também, começaram, a escassear. Mas, por mim, não havia problema algum. “Ainda bem!” pensava eu.

Quando eu tentava analisar a situação, chegava sempre à conclusão que a razão pela qual eu estava a lidar tão bem com este problema devia-se ao facto de ter posto tudo para trás das costas. Se ela não queria estar conosco, então, boa viagem! Também já não a queria perto de nós! Pelo menos, não tinha de aturar as suas implicações e perseguição constantes. Nunca mais.

“Limpa o quarto, Julia!”

“Faz os trabalhos de casa, Julia!”

“Larga o telefone, Julia!”

“Caaala-teeeeeeee!!!!” ainda conseguia ouvir-me a gritar por causa da sua voz irritante.

Já não conseguia suportá-la mais e fiquei contente por me ter visto livre dela!!

Mas, havia uma coisa que me estava a preocupar. Quase passado um mês, ainda me consigo lembrar da cara do meu pai quando ele entrou pela porta, naquela tarde. Foi no dia a seguir de ela ter ido embora. Uma imagem que nunca mais vou ser capaz de esquecer. Tive tanta pena dele! A sua expressão era de tristeza profunda e de perda quando ele entrou em casa, na sua casa, onde deveria estar a sua família, e percebeu que não era uma partida, uma história inventada ou um sonho maluco do qual tinha acordado subitamente. Ela tinha mesmo ido embora.

Não tenho palavras para descrever a tristeza daquele momento.

Mais tarde, à noite, quando fui ter com ele, sentado na sua cadeira favorita na cozinha, os meus pensamentos estavam com ele, somente com ele. Vivi, intensamente, a sua tristeza.

Nunca tinha visto o meu pai chorar. Ao ver as suas lágrimas a rolarem-lhe pela cara, também comecei a chorar. Senti-me desabar. Depois, dando-lhe um grande abraço, soluçámos juntos. As nossas

lágrima corriam sem que as pudéssemos conter. Sentada no seu colo, como costumava fazer em criança, ficámos unidos, abraçados, sem nos querer separar. Acho que foi o momento mais triste da minha vida.

Mas, é incrível como nos podemos adaptar. Com o passar do tempo, as coisas, embora pouco vulgares, voltaram, finalmente, ao normal. É assim que eu agora me sinto em relação à nossa situação. Só eu e o Matt, dois jovens ainda na escola, com a casa só para nós.

A escala de serviço do meu pai mudou novamente e nem sempre pode vir a casa todos os fins de semana; às vezes, só pode vir de quinze em quinze dias. Mas, estamos bem. Ele transfere o dinheiro para a minha conta no banco, todas as semanas, e fazemos turnos para comprarmos o que precisamos para a casa. Contudo, calha-me, geralmente, fazer as compras da comida. Se isso fosse da responsabilidade do Matt, já tínhamos morrido de fome!

Também é uma grande sorte eu ser uma cozinheira muito razoável. Acho que o Matt não iria sobreviver muito tempo só a comer massa chinesa, feita em dois minutos; por outro lado, também me divirto muito em experimentar receitas diferentes todas as noites.

Mas, o pior é saber que o meu rendimento escolar se vai ressentir. As minhas notas já desceram. Mas, pouco me importa! Tenho coisas mais importantes em que pensar.

E, essas coisas incluem o Ky, um rapaz muito fixe da minha turma de Ciências. Ele costuma sentar-se ao fundo da sala e, por essa razão, ainda não tinha reparado nele. Tem cabelo castanho, comprido, que ele afasta dos olhos de uma maneira cheia de charme. Meu Deus! Ele é super atraente! Não consigo deixar de pensar nele. Hoje à noite, quando me sentei para fazer os trabalhos de casa, os primeiros em toda a semana, quase que não consegui fazer nada, porque passei a primeira hora, mais ou menos, a escrever o nome dele no meu caderno. Ainda não falei sobre ele a ninguém e acho que ainda ninguém reparou na maneira discreta como ele olha na minha direção. Ninguém, menos o Blake, quero

dizer! Apanhei-o a olhar fixamente para mim o dia todo, mas, o Ky também fez a mesma coisa e ao mesmo tempo.

Há montes de tempo que o Blake não se aproximava de mim, embora tivesse pressentido que ele olhava para mim de vez em quando. Eu tentei falar com ele, mas ele só murmurou umas palavras e desmanchou-se em desculpas para se afastar. Se ele se recusa a falar comigo, então por que é que está preocupado com o que eu faço? Não faz sentido! Além disso, já o vi por várias vezes, durante as últimas semanas, com uma miúda bem bonita que anda no mesmo ano que nós. Não sei ao certo o que se passa entre os dois, mas parece que se dão muito bem. Outro dia, apanhei-o a pentear-se quando ela não estava.

Foi por isso que eu fiquei feliz por ter reparado no Ky. Ele é a distração que eu precisava urgentemente; algo para desviar o meu pensamento do Blake e de todos os outros dramas que me estavam a acontecer.

Entretanto, tentei manter a separação dos meus pais em segredo. Não queria que os meus amigos soubessem. Pedi ao Matt para não contar a ninguém na escola, mas ele respondeu que todos iam descobrir, mais cedo ou mais tarde; por isso, devíamos ser nós mesmos a partilhar a notícia.

“Amigos, querem ouvir um super mexerico? Não precisam de ver as novelas da televisão; a minha vida é muito mais interessante do que aqueles shows que vocês não perdem por nada!”

No início, julguei que me ia sentir muito envergonhada quando toda a gente soubesse que os meus pais se tinham separado, especialmente, por causa dos pormenores! Afinal, quem é que deseja que o “caso” da mãe se torne do conhecimento público, na escola toda?

Ficava horrorizada só de pensar no que podia acontecer quando toda a gente descobrisse; até imaginava as reações. Mas, por fim, resolvi seguir o conselho do meu irmão. Com alguma relutância, contei o mexerico, as últimas notícias. E, claro, de todos, a Lisa foi quem mais queria saber detalhes. Estava completamente fascinada. Resumindo, foram todos muito solidários e sinceros na sua preocupação comigo e com o Matt; perguntam-me sempre se

estamos bem ou se precisamos de alguma coisa. Estou-lhes muito grata pelo apoio sincero que me deram. Para mim, é muito importante saber que se preocupam comigo.

Naturalmente, a Sara descobriu tudo escutando as conversas em boca pequena. E, claro, fez questão que eu soubesse que ela sabia de tudo.

-Ó, meu Deus, Julia! Ouvi contar o que se passou com os teus pais - disse alguém atrás de mim. Mas, eu era capaz de reconhecer aquela voz em qualquer parte do mundo. – É verdade que a tua mãe os deixou para ir viver com um tipo qualquer com quem ela tinha um caso?

Fiquei completamente irritada com a falsidade que havia naquela voz. Depois, continuou, ainda com mais sarcasmo.

-Coitada de ti, Julia! Estás bem, fofinha? Se eu puder ajudar-te nalguma coisa, é só pedires.

Eu nem queria acreditar naquela atitude, tão falsamente simpática. Ela era, realmente, incrível! Corri para dentro, tentando conter-me para não lhe bater. Naquele momento, odiei-a mais do que nunca!

Até àquela data, eu estava muito grata, porque mal lhe punha os olhos em cima. Talvez, ela tivesse conseguido ultrapassar o desejo de vingança, ou qualquer coisa do género, que queria infligir-me. Contudo, tinha uma ligeira desconfiança que ela iria guardar um rancor eterno contra mim, e isso fez-me estar em alerta permanente.

Voltei-me para olhar para ela, outra vez, depois de ter passado por mim, com o seu longo cabelo louro, caído pelas costas. A maneira como ela se pavoneava com sobranceira, toda aquela pose a escorrer confiança e egocentrismo, tudo aquilo me provocou o maior ódio.

Enquanto fiquei ali, parada, a vê-la caminhar e afastar-se, reparei que havia algo errado. Primeiro, não consegui dizer o quê, mas, passado pouco tempo, descobri.

Embora ela estivesse a usar uma saia vermelha que eu já conhecia (lembro-me de a ter visto com ela antes) e que me era familiar, porque tinha tido uma igual, reparei que a saia estava muito

larga na cintura e na anca. Na verdade, estava tão larga que ela precisava de um cinto para a segurar. Ora, eu sempre soube que a Sara gostava de usar saias apertadas; por isso, é que estranhei. Acho que nunca a vi usar roupa larga, de qualquer género.

Perguntei a mim mesma se ela não estaria a fazer dieta. Isso era completamente desnecessário, porque ela tinha um corpo perfeito e não precisava nada de perder peso. Fiquei curiosa com o que poderia ter motivado aquela perda de peso tão acentuada, mas concluí que ela devia ter estado doente, o que explicaria as faltas às aulas.

Então, vi o Ky, a caminhar no parque de estacionamento e todos os pensamentos sobre a Sara desapareceram da minha cabeça. Ele era mais velho do que a maioria de nós e já tinha carta de condução e carro próprio. Muito fixe, mesmo! Quando o autocarro parou, fui pelo corredor à procura de um lugar à janela para poder vê-lo fazer inversão de marcha e ir-se embora.

“Onde será que ele vive?” - passou-me pela cabeça enquanto o autocarro se dirigia para a estrada principal. - “Vou ter de arranjar maneira de falar com ele.”

Sentei-me no lugar, pensando na cara dele, sorridente, magicando mil maneiras de lhe chamar a atenção “por acaso”; não fazia a mínima ideia que essa oportunidade chegaria de forma inesperada e muito mais cedo do que tinha previsto.

Surpresas...

Nesse dia, à noite, sentei-me ao computador na esperança de acabar o trabalho de casa de Inglês que a Miss Bromley tinha marcado. Ao contrário dos outros trabalhos que tínhamos para fazer, ninguém se atreveria a voltar para as aulas sem o ter feito.

Mas, poucos depois de ter aberto o computador, não resisti à tentação de dar uma olhada no Facebook. Desde que a minha mãe tinha saído de casa, sentia-me dona de tudo, como uma rainha no seu reino, sem precisar de fazer as coisas às escondidas dela. Esta liberdade esquisita tinha-me permitido o acesso a todas as redes

sociais, aliás, como acontecia com a maioria dos jovens pelo mundo fora. E, em pouco tempo, tornei-me completamente viciada.

Depois de ter aprendido a bloquear pessoas indesejáveis, senti-me em segurança por saber que a minha mãe já não podia espreitar a minha conta e descobrir o que se passava. Não é que me importasse muito com o que ela poderia pensar, mas, era o meu mundo privado e não queria que ela andasse a bisbilhotar. Por outro lado, tinha ouvido, em conversas com os meus amigos, que alguns pais postavam comentários embaraçosos e isso era algo que eu queria evitar a todo o custo. Felizmente para mim, o meu pai nem fazia ideia do que era o Facebook; para falar verdade, a sua literacia em computadores era zero. Por conseguinte, não precisava de me preocupar.

Mas, naquela noite, enquanto verificava as minhas mensagens, encontrei algo inesperadamente surpreendente. Na noite anterior, depois de ter passado horas a tentar encontrar a Millie, não fui capaz de seguir o rasto dela. Como nenhuma das minhas colegas de escola tinham a Millie adicionada como amiga no Facebook, não me podiam ajudar a localizá-la. Comecei a desconfiar que ela já não tinha conta no Facebook; mas, de repente, num golpe de sorte, dei de cara com a página dela. Com o estilo que lhe era peculiar, a Millie usava o primeiro nome e o do meio; por isso, é que eu não conseguia encontrá-la. Mas, quando a fotografia do perfil saltou à vista, reconheci, imediatamente, a imagem da amiga que eu nunca tinha sido capaz de substituir.

Agora, parece um bocado estúpido, mas hesitei um bocadinho antes de carregar no Enter depois de lhe ter escrito uma mensagem super longa a pedir-lhe desculpa por ter sido tão preguiçosa; também lhe contei que tinha regressado a Carindale e que esperava, com muita impaciência, pelo seu regresso.

A resposta dela quase me fez dar pulos de alegria quando a vi no monitor. Até conseguia ouvir o entusiasmo dela enquanto lia, avidamente, aquelas palavras.

**“JULIAAAAAAAAAAAAA!!!!!! OMG!!!!!! ESTOU TÃOÓÓÓÓ FELIZ!!!!
NEM ACREDITO QUE VOLTASTE PARA CARINDALE!!
TENHO TIDO TAAAANTAS SAUDADES TUAS!!!!!”**

O uso das maiúsculas fez -me sorrir, quase em êxtase. Depois de ler a mensagem, não consegui controlar a emoção e comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo.

De repente, percebi que ela estava online, precisamente naquele momento; então, respondi-lhe apressadamente e as nossas mensagens começaram a fluir em catadupa. Eu estava tão contente por ter notícias dela que mal conseguia escrever.

Enquanto fazia uma pequena pausa à espera de resposta, olhei para a fotografia emoldurada que ainda estava na minha estante: eu com a Millie, abraçadas, com um incrível ar de felicidade. As lembranças dos nossos tempos de escola, juntas, começaram a vir-me à cabeça, umas atrás das outras, tornando-me ansiosa só de pensar que ela estava prestes a regressar. Antes de desligar, voltou a lembrar-me que ela e a família estariam de volta dentro de três semanas. Faltava tão pouquinho. Mal podia esperar por esse dia!

Mais tarde, ainda voltei a ler as mensagens dela outra vez; tinha de me certificar que estava tudo bem entre nós. Era muito evidente que a Millie estava tão entusiasmada como eu com a ideia de nos voltarmos a encontrar ao fim de tanto tempo; sentia-me aliviada e cheia de alegria.

Incapaz de me concentrar no trabalho, principalmente naquele trabalho de Inglês, super chato, ignorei os livros que estavam espalhados em cima da secretária e comecei a pesquisar na página da Millie. Tinha imensas fotos maravilhosas e comentários que ela tinha postado sobre a viagem. Todos pareciam estar a divertir-se muito. Quando cheguei a uma foto da família, com todos juntos, vi pelos sorrisos deles que estavam super felizes; não consegui deixar de me sentir um bocadinho invejosa. A minha família também já tinha sido assim; discutimos, muitas vezes, a hipótese de fazermos férias no estrangeiro. Mas, nunca havia dinheiro para luxos desse tipo e, agora, nunca mais teríamos a oportunidade de concretizarmos esse sonho.

Tentando conter as lágrimas que estavam quase a saltar, olhei, de novo, para os livros que estavam espalhados, ao acaso, na minha mesa. Com um suspiro profundo, deslizei da cama onde tinha estado sentada.

No preciso momento em que estava a fechar o computador, reparei que tinha um novo pedido de amizade. Curiosa, cliquei no símbolo para ver quem poderia ser. Há já algum tempo que andava a receber pedidos de amizade de rapazes que eu não conhecia; quando estava a consultar as páginas deles, descobri fotos do Joe, o patife que me atacou quando eu, estupidamente, aceitei boleia depois da festa, há umas semanas atrás.

Através das fotos e dos comentários nas páginas deles, deduzi que eram todos amigos e, provavelmente, andavam na mesma escola. Mas, o que mais me aborreceu foi aquele interesse repentino em alguém que eles não conheciam de lado nenhum. Pensava que já tinha posto aquele incidente horrível para trás das costas, que o tinha guardado a sete chaves na minha memória para nunca mais sair. Mas, agora, ao pensar nisso outra vez, consegui lembrar-me da cara daquele anormal e da minha fuga milagrosa.

Então, pensei, de novo, nas palavras da Lisa e lembrei-me do que ela me contou sobre uns rumores que começaram a circular logo a seguir à festa. Sinceramente, esperava que fosse uma simples coincidência o fato daqueles rapazes me terem encontrado no Facebook e rezava que isso não tivesse nada a ver com a amizade entre eles e o Joe, ou com alguma coisa que eles pudessem ter ouvido. Imediatamente, apaguei os pedidos todos, achando que seria a última vez que os via ou saberia mais alguma coisa sobre aquele grupo de rapazes. Não queria ter qualquer relacionamento com o Joe ou com os amigos dele. De maneira nenhuma.

Mas, o símbolo de um novo pedido de amizade surgiu no monitor. Apreensiva, perguntei a mim mesma quem poderia ser.

Hesitante, coloquei os dedos em cima do teclado e cliquei. O que se seguiu foi uma autêntica surpresa, ou melhor, um choque. Não sei como posso descrever a minha reação, mas aquele pedido, diante dos meus olhos, não era, com toda a certeza, algo que eu estivesse à espera!

Confusão...

No monitor do meu computador, podia ver a opção de “Confirmar” ou “Apagar”.

-Meu Deus! Não acredito nisto! - As palavras escaparam dos meus lábios e saltei novamente para a cama com o computador no meu colo, enquanto os meus dedos percorriam o teclado.

“Meu Deus!” - Respirei fundo, outra vez, completamente incrédula. Ao mesmo tempo, sentia-me nervosa, ansiosa, cheia de insegura excitação.

-Isto é assustador! Aceito ou não? – proferi estas palavras em voz alta, olhando para o monitor, embora não estivesse ninguém no quarto para me responder.

Continuei a olhar para a imagem do perfil à frente dos meus olhos; dentro da minha cabeça, ouvia uma vozinha que me sussurrava:

“Sim, claro que deves aceitar! És mesmo parva! Por que não aceitas??!!”

Rindo, cheia de nervosismo, cliquei o botão e fiquei à espera. Não fazia a mínima ideia por que razão fiquei ali, espedada, à espera, mas, a verdade é que não me conseguia mexer. Era como se tivesse feito algo proibido; algo muito arriscado que só me iria trazer problemas, embora eu não soubesse porquê e quais os problemas.

Mas, no fundo, mesmo lá no fundo da minha alma, eu sabia.

Ky Samford tinha a rótulo de mau rapaz. Ele era o tipo de rapaz que nos deixa sem respiração, que nos faz sentir borboletas no estômago, assim que os olhos dele cruzam com os nossos.

Foi isso que aconteceu, precisamente, naquele dia em que o vi no parque da escola, quando ele se virou e olhou na minha direção. Foi muito estranho como tudo aconteceu; parecia que uma voz silenciosa estava a dizer o nome dele e, por breves segundos, os nossos olhares cruzaram-se. Foi só por um instante, mas senti logo uma forte ligação entre nós. Naquele momento, pensei que , provavelmente, tinha sido a minha imaginação, mas isso não explicava aquela faísca repentina que me invadira os sentidos. Não

consegui explicar a causa, mas não tenho dúvida nenhuma que houve uma faísca.

Não percebo por que razão nunca tinha reparado nele, sentado uns lugares atrás de mim na sala de aula. Talvez, acho eu, estivesse demasiado embrenhada a pensar no Blake e nos meus problemas pessoais; tão escondida na minha concha pequenina de desgosto que nem sequer tinha reparado na existência dele.

Mas, agora, eu estava bem ciente da sua existência; aliás, só conseguia pensar nele. Era por causa dele que eu não conseguia concentrar-me no trabalho de casa. E, precisamente nesse momento, como se, de algum modo, eu estivesse à espera, ouvi o som pelo qual estava tão desejosa. Aquele barulhinho fazendo Blip! que se pode ouvir quando uma mensagem surge no monitor.

“Olá”

Somente uma palavra, uma única sílaba, mas que, para mim, significava muito. Nervosa, ansiosa, respondi.

“Olá”

Senti um nó no estômago enquanto me sentava, tensa e excitada. Então, aquele barulho maravilhoso fez-se ouvir outra vez; aquele Blip! que eu, desesperadamente, queria continuar a ouvir.

Um sorriso rasgado iluminou a minha cara quando li a mensagem seguinte:

“Tens uns olhos muito bonitos.”

“Meu Deus!”- Não consegui deixar de rir. Era de doidos! Nem conseguia acreditar que ele tinha dito aquilo. Na verdade, nunca conheci ninguém que me tivesse dito tal coisa; pelo menos, nenhum dos rapazes que eu conhecia, incluindo o próprio Blake.

Imagina se as minhas amigas da escola soubessem! Principalmente, a Lisa. Até ia revirar os olhos!

“Ele é esquisito, Julia” - Ainda podia ouvir a voz da Lisa na minha cabeça.

Eu sabia, perfeitamente, que ele não fazia o género dela. Era demasiado distante, demasiado invulgar para atrair a Lisa. Ela preferia aqueles brutamontes do futebol, com camadas de músculos pelo corpo todo. Ela babava-se por eles.

Mas, havia algo diferente no Ky; algo que me atraía muito. Por isso, comecei a sentir aquele formigueiro de excitação, as borboletas a dançarem no estômago e que não paravam um minuto.

Era o mesmo tipo de sensação que eu já tinha tido em relação ao Blake, há uns tempos atrás, sempre que estava perto dele e trocávamos olhares. Sentindo-me um bocadinho culpada, pensei nele e recordei o prazer que senti quando a mão dele tocou no meu braço.

Mas, agora estava tudo acabado entre os dois. Pelo menos, era o que parecia. Além disso, ele já tinha outros interesses. Pensei na Mónica, aquela miúda bonita com quem ele passava o tempo todo, ultimamente. De repente, imaginando os dois juntos, a darem-se tão bem um com o outro, senti uma bofetada de ciúme.

Completamente frustrada e cheia de ressentimento, olhei, novamente, para o monitor.

Sem hesitar, escrevi uma palavra antes de desligar:

“Obrigada”

Era tudo o que conseguia dizer e não me atrevi a ficar à espera de resposta. O meu estômago protestava, às voltas; estava a ser muito difícil para mim digerir toda aquela ansiedade. Então, lembrei-me de uma coisa que me tirou completamente do sério. A aula de Ciências, aquela que eu tinha juntamente com o Ky, tinha sido mudada para o primeiro tempo da manhã no dia seguinte. Fiquei cheia de nervos por saber que ia voltar a encontrá-lo na sala de aula, logo de manhãzinha.

Mas, se calhar eu estava a exagerar. Podia ser que ele só quisesse dizer “olá” e eu já estava a imaginar um romance que, provavelmente, nunca iria acontecer. Por que motivo estava eu tão ansiosa por substituir o amor da minha vida, cuja presença continuava a ensombrar-me?

Pensando melhor na minha motivação para procurar algo de novo, perguntei a mim mesma se, com efeito, estaria só à procura de uma distração para não pensar mais no Blake, o único rapaz que eu amei em toda a minha vida.

Se assim fosse, não compreendia por que razão o Ky tinha aquele efeito tão intenso sobre mim. Eu mal o conhecia! A não ser o

breve “Olá!” no Facebook, eu nunca tinha falado com ele antes.

Suspirando profundamente, olhei para a minha secretária e reparei no trabalho de Inglês, que ali jazia, implorando-me para começar. Mas, não era possível; tinha havido muitas distrações, demasiadas distrações para eu me concentrar no trabalho. Principalmente, a última, porque foi a mais intensa de todas.

Então, a lembrança da voz esganiçada da Miss Bromley e da promessa de castigo para todos os alunos que falhassem o trabalho foi a motivação que eu precisava. Respirando bem fundo, peguei numa caneta e comecei a escrever.

Preocupada

Sentindo-me muito nervosa, dirigi-me para o laboratório de Ciências. Nenhum dos meus amigos mais chegados frequentava aquela aula comigo; geralmente, sentava-me num lugar qualquer que estivesse livre. Sem me atrever a olhar em volta, fui direitinha para o fundo da sala. Suspirando de alívio por ter encontrado um lugar vago na segunda fila do fundo, abri a mochila e tirei o livro de Ciências.

Com a cabeça para baixo, fiz as tarefas do texto, resistindo, desesperadamente, à tentação de olhar à minha volta. Tinha a certeza de que o Ky não estava por perto; devia estar sentado num lugar muito mais atrás.

O meu estômago doía de tantos nervos enquanto eu passava os apontamentos do quadro para a página em branco do meu caderno. Mas, quando levantei a cabeça, vi-o, sentado a um canto e, imediatamente, ele levantou os olhos e fixou-me.

-Meu Deus! Meu Deus! - sussurrei enquanto me virava para a frente, tão rápida como o movimento de um chicote. Não queria acreditar que ele me tivesse apanhado a espreitar. Fiquei tão embaraçada!

Constrangida e cheia de ansiedade, tentei concentrar-me na voz do professor. Sem sucesso. Logo a seguir, sem contar, ouvi chamarem pelo meu nome.

-Julia, podia responder a esta questão, por favor?

A voz forte do Sr. Blandford sobre pôs-se a tudo. Sentindo a minha cara a ficar escarlate de vergonha, olhei para o professor, com uma expressão que bastava para ele perceber que eu não fazia a menor ideia do que ele estava a falar.

Franzindo o nariz em sinal de reprovação, voltou a perguntar à turma toda, na esperança que algum dos alunos soubesse a resposta que ele solicitava. Dirigiu-se, então, a uma aluna chamada Grace, sentada mesmo atrás de mim. Ela sabia sempre tudo e fez uma careta quando ouvi a sua pronta resposta. Além de estar certa, a resposta foi detalhada e incluiu, corretamente, todos os termos técnicos. Não admirava que ela fosse a melhor aluna. No último exame, ela apresentou uma prova com um nível tão elevado de

conhecimentos que o Sr Blandford ainda estava a delirar! Ela tinha uma capacidade académica notável e eu invejava a facilidade com que ela conseguia boas notas; no entanto, a Lisa, a Beth e outros afirmavam que ela não fazia mais nada a não ser estudar ou fazer os trabalhos de casa.

Fiquei grata porque a atenção do professor e dos outros alunos foi desviada para longe de mim. Todos se tinham voltado para a Grace para ouvirem mais uma das suas intervenções impecáveis que, muitas vezes, iam além do nosso entendimento. Por vezes, até chegava a desconfiar que ela era mais esperta do que o professor.

Enquanto estava ali sentada, tentando perceber o que ela estava a dizer, senti um desejo enorme de olhar na direção do Ky. Incapaz de resistir ao impulso, tentei olhar, discretamente, virando a cabeça e fingindo que estava muito interessada na Grace, que, por sua vez, estava a meio do seu recital de detalhes sobre o assunto que o professor tinha estado a falar.

Imediatamente, vi que ele estava com os olhos postos em mim, como se o tivesse feito o tempo todo. Por um segundo, olhei para a boca dele onde se desenhava um sorriso tímido, um pequeno sorriso de reconhecimento. Os olhos dele eram intensos, escuros, e olhavam fixamente para os meus.

Engolindo em seco, voltei-me para a frente, tentando controlar aquela sensação louca de ter borboletas a dançar, como doidas, nas profundezas do meu estômago. Finalmente, a aula acabou e pudemos sair da sala.

Sem saber o que fazer, agarrei nos livros e juntei-me à turma que ia a sair pela porta, sem me atrever a olhar para trás. Quando cheguei ao corredor, a Lisa também tinha acabado de sair da aula dela, na sala em frente; para minha surpresa, ela agarrou-me pelo braço e levou-me para a aula de Matemática.

Contou-me que tinha saído num encontro com um rapaz todo sexy, que andava noutra escola, e estava desesperada para me dar as novidades. Embora eu não estivesse muito interessada, acabei por ter de ouvir o nome dele; mas, naquele momento, eu só queria ver onde estava o Ky no meio daqueles alunos todos. Mesmo

antes de entrar para a sala, olhei para a multidão, mas não o vi em lado nenhum.

Desapontada, sentei-me ao lado da Lisa para assistir à aula, fazendo um grande esforço por estar com atenção. Mas, em vez disso, dei por mim perdida em pensamentos com o Ky, lembrando os traços bonitos que lhe adornavam cara.

Quando a campainha tocou para o intervalo grande da manhã, voei pela porta fora. Então, mais uma vez, olhei para toda a gente que estava no pátio, mas não havia sinais da pessoa que eu tanto queria ver.

Assim que a Lisa chegou perto de mim e nos dirigimos juntas para a área da cantina, ela começou logo a resumir a conversa que tínhamos iniciado antes da aula de Matemática. Era óbvio que ela queria encher-me de detalhes sobre o encontro do fim de semana. Mas, nada me fazia prever as palavras que, a seguir, lhe saíram, de repente, pela boca fora.

-Julia, tenho de te contar uma coisa – A voz dela parecia ligeiramente apreensiva e foi aquele tom esquisito da voz que me chamou a atenção.

Além disso, reparei que ela mal olhava para mim enquanto falava; os olhos dela pareciam setas atiradas, com nervosismo, para alvos invisíveis. Via-se bem que ela não estava confortável com aquilo que tinha para me dizer.

-Sabes que fui a uma festa no fim de semana, não sabes? Bem, acabei por conhecer pessoas muito fixes. Um deles era um tipo que tu já conheceste antes.

Instantaneamente, ouvi os sinais de alarme a tocar ; enquanto sintonizava bem o que ela me estava a contar, comecei a ficar um bocadinho ansiosa. Quem poderia ter sido e por que razão é que ela estava a ter aquele comportamento tão estranho?

-Sabes, o Joe, aquele que te deu boleia no fim da festa a que fomos no mês passado? Bem, ele estava lá no sábado à noite. Apareceu com um grupo de amigos.

Fiquei a olhar para ela, fixamente, incapaz de perceber o que ela estava a dizer.

- Bom, de qualquer modo, eu sei que tu já disseste que não gostavas nada dele, mas, na minha opinião, ele é mesmo muito sexy. Tivemos uma espécie de flirt durante a festa e agora ele convidou-me para sair com ele. Vamos ao cinema neste fim de semana.

As palavras jorravam da boca dela e eu continuava a olhar, com a surpresa estampada na cara.

-Que é?! – perguntou ela, à defesa, num tom de voz que mostrava bem o desconforto que sentia por estar a partilhar as novidades.

-Por que é que estás a olhar para mim dessa maneira? Disseste que não gostavas dele; então, qual é o teu problema?

-Lisa, ele é um malandro, um patife! Não precisas dele para nada! – exclamei, olhando para ela, completamente em choque. Aquilo que ela acabara de contar tinha-me gelado o sangue.

-Eu já sabia que ias reagir assim, Julia; eu já sabia! Estás com ciúmes, porque ele me convidou e não quer saber de ti!

Surpreendida, acenei que não com a cabeça, desesperada; queria que ela me entendesse, mas, não sabia como lhe explicar.

-Isso não é verdade, Lisa. Ele é mesmo o maior anormal que já conheci. Não podes sair com ele!

-Ele disse-me que tu ias dizer isso! – Atirou-me ela à cara, com a voz cheia de desprezo.

-Ele contou-me que tu te atiraste a ele naquela noite, mas ele não estava interessado! Ele só se ofereceu para te dar boleia até casa, mas tu querias mais!

Fiquei de queixo caído, sem fala. Não sabia o que lhe devia responder. Queria avisá-la, mas era evidente que ela não queria ouvir. Ele já a tinha convencido e ela nunca iria acreditar em mim, tenho a certeza.

- Ok! Quero lá saber! – A sua resposta agressiva foi acompanhada com um olhar de desprezo, enquanto se afastava pelo corredor abaixo.

Com as entranhas às voltas, de repente, abrandei o passo, vendo a Lisa a afastar o seu belo e comprido cabelo louro dos olhos, enquanto se apressava para apanhar as outras colegas que iam

para a cantina. O meu instinto disse-me que a nossa amizade nunca mais seria a mesma; pelo menos, enquanto ela andasse com aquele nojento. As palavras dela ainda ecoavam na minha cabeça e lembrei-me de tudo o que ela tinha dito. Parece que ele usou falinhas mansas para a convencer que era um tipo decente. Ao mesmo tempo, contou-lhe mentiras a meu respeito. Inventou aquela cena toda para disfarçar o que tinha feito e evitar as consequências.

Não eram os boatos que ele andava a espalhar que mais me preocupavam, mas sim, a segurança da Lisa. Era incrível como, no meio de tantas pessoas, logo tinha de ser o Joe a convidá-la para sair. Eu sabia do que ele era capaz e só de pensar nisso, senti uma náusea a subir-me pela garganta.

Corri para os lavabos e molhei a cara com água fria. Os meus joelhos tremiam . De novo, lamentei aquela boleia que, estupidamente, tinha aceite naquela noite. A cena que eu tanto me esforcei por apagar da minha memória regressava para me aterrorizar . Temi pelo que podia acontecer com a Lisa. Ela não fazia ideia nenhuma daquilo em que se estava a meter. Tinha de a avisar, mas não sabia como. Se acontecesse alguma coisa, nunca mais me perdoaria.

Eu sabia que, por trás daqueles flirts todos, ela só queria encontrar um namorado, um namorado a sério. Uma relação com alguém que realmente gostasse dela e em quem ela pudesse confiar. Mas, o Joe não era nada disso. No mínimo, ele ia usá-la e magoá-la; disso, tinha eu a certeza!

Em silêncio, dirigi-me para a aula seguinte, evitando o lugar vago que estava ao lado da Lisa, que, de forma muito clara, demonstrou que eu não era bem vinda. Então, sentei-me num lugar junto a uma janela; o zumbido da voz do professor tornou-se num “hummm” de fundo, enquanto comecei a pensar na Millie.

Três semanas para ela chegar! Pelo menos, foi o que ela me disse. Naquele momento, aquelas três semanas pareceram-me uma eternidade.

Um passatempo favorito...

Depois da escola, passei pela mercearia para fazer umas comprinhas. Quando cheguei a casa, atirei-as para cima do banco da cozinha e guardei os congelados no frigorífico. À medida que ia deitando fora os cartões das embalagens, comparei a situação com a meu desentendimento com a Lisa - eu também tinha sido descartada. Durante a tarde, sempre que me via aproximar, ela virou-me as costas, friamente, até que, por fim, desisti de lhe contar as minhas preocupações. Se ela acreditava mais nele, então, devia aprender da maneira mais dura. Se ela não me queria ouvir, eu não podia fazer mais nada.

Mas, tinha esperança que as outras colegas não fossem influenciadas por aquela súbita mudança de atitude da Lisa para comigo. Se isso acontecesse, teria de procurar outras amigas para sair, pelo menos, até o regresso da Millie. Mais uma vez, eu contava os dias que faltavam para ela chegar.

Suspirando, continuei a arrumar as compras que estavam em cima do banco, em total desalinho. Ao mesmo tempo, pus-me a pensar como eu e o Matt conseguíamos viver sozinhos naquela casa. Embora a situação se tivesse tornado normal para nós, a verdade é que os nossos amigos não aceitavam essa ideia. Tentei explicar-lhes, por várias vezes, que o meu pai só podia vir a casa esporadicamente por causa do trabalho; além disso, o Matt já tinha dezoito anos; para todos os efeitos legais, ele era um adulto que podia tomar conta de mim.

“Ele não se porta como um adulto, eu sei” – ri-me uma vez. “Mas, oficialmente, ele tem a obrigação de tomar conta de mim.”

Claro que essa ideia parecia uma piada, porque, na verdade, eu tinha-me tornado a mãezinha da casa. Foi uma coisa que aconteceu, naturalmente, à medida que o tempo foi passando. Nunca tinha feito planos para isso.

Muitas vezes, dava por mim a ralhar-lhe por não ter limpo o quarto ou por ter deixado as toalhas molhadas no chão, depois do duche. Estava sempre a refilar com ele por não tratar da roupa.

“A sério, Matt, qual é a dificuldade? Só tens de abrir o óculo da máquina de lavar roupa, colocar detergente e carregar num botão!”

Já estava farta de lhe dizer isto, porque eu não conseguia tratar da roupa dele. Ficava nauseada só de pensar no cheiro horrível das meias de desporto e das T-shirts de basquetebol, cheias de suor. Daí, a minha insistência em que fosse ele a lavar a roupa. Naquela noite, quando entrei no quarto dele à procura do meu iPod, o mau cheiro quase me deu vontade de vomitar.

-Como é que podes dormir aqui? – guinchei em altos berros, correndo para abrir a janela.

Eu tinha a certeza de que aquele fedor era causado pela pilha de roupa suja que estava no chão, ao lado da cama. Mais ainda: um sortido de pratos sujos e embalagens vazias de comida take away, semeadas em cima da secretária.

-És mesmo uma desgraça! – gritei . Peguei no meu iPod , saí e atirei com a porta do quarto com toda a força.

Ele estava tão entretido com o computador (como sempre!) que me ignorou, simplesmente. Claro que não ficou minimamente preocupado com o estado do quarto. Ainda bem que a senhora das limpezas vinha no dia seguinte; assim, a casa ia ficar, novamente, habitável, principalmente, o quarto do Matt. Se deixassem, o quarto dele podia ganhar vida própria e transformar-se num monstro horrível e mal cheiroso.

Abanando a cabeça, cheia de nojo, enfiei-me no meu quarto , mas antes, vasculhei no armário do corredor à procura da minha manta de inverno. Já a tinha substituído por uma mais leve, porque as noites estavam a ficar mais quentes. Mas, ao fim de uma semana de inesperado bom tempo, o frio tinha regressado.

Mesmo quando ia a fechar a porta, uma pilha de cobertores e almofadas caiu no chão . Suspirando, resignada, apanhei-os e tentei voltar a guardá-los nas prateleiras de onde tinham caído. O armário estava um caos; lençóis e toalhas, e mais uns trapinhos, tudo misturado e mal arrumado. Um dia , tinha de dedicar um bocado de tempo para organizar aquilo tudo.

“Incrível!” – murmurei para mim mesma - “Ao que eu cheguei! Ter de perder tempo a arrumar o armário do corredor!”

A seguir, tentando fechar rapidamente a porta do armário uma segunda vez, caiu lá de cima uma coisa que eu tentei agarrar antes

que caísse no chão. Era o estojo da minha guitarra, que estava escondido, no fundo, atrás de uns cobertores velhos. Nunca mais me tinha lembrado dele desde que tinha chegado a Carindale. Aliás, quase não tinha voltado a tocar desde o 3º ciclo. A mudança para uma quinta, longe da cidade, e ser dona de uma pónei, muito querida, foram dois bons motivos para ter os dias todos preenchidos, não me deixando tempo para tocar guitarra.

Impulsivamente, tirei o estojo do armário, fechei bem a porta, antes que mais alguma coisa pudesse cair, e dirigi-me para o meu quarto. Sentei-me na cama e, com muito cuidado, tirei a guitarra do estojo. Senti-la de novo nas mãos provocou-me um calafrio familiar. Enquanto dedilhava uns acordes, pensei na banda que eu, o Blake, a Millie, e mais uns amigos nossos, tínhamos formado. Até chegámos a ganhar um concurso de talentos, promovido pela escola; nesse tempo, a música e a minha guitarra eram muito importantes na minha vida.

Com a guitarra nas mãos, senti um desejo irresistível de continuar a tocar. Demorei uns minutos a afiná-la; depois, liguei o computador e fui direitinha ao YouTube à procura de uma canção que eu pudesse acompanhar. Tocar guitarra era mesmo fixe; a sensação de ter a guitarra nas mãos e conseguir produzir aqueles sons deu-me uma grande alegria. Sentia que as minhas preocupações e problemas se derretiam e desapareciam, como por magia. Em pouco tempo, fui invadida por um sentimento de paz, uma serenidade que eu não sentia há muito tempo.

Então, ignorando por completo os meus planos para fazer os trabalhos de casa, procurei os últimos êxitos e decidi aperfeiçoar os acordes. Passadas duas longas horas, os meus dedos estavam vermelhos de tocar, porque já não estavam habituados à pressão das cordas. Mas, eu estava tão encantada que não queria parar.

Sorrindo para mim mesma, voltei a guardar a guitarra no estojo e memorizei as canções que tinha de aprender. Depois, voltando a olhar para o computador, reparei que nunca mais tinha pensado no Facebook desde que tinha começado a tocar.

Mas, a vontade de dar uma espreitadela nas mensagens era enorme. Com o meu pensamento no Ky, consultei a página,

avidamente, na esperança de encontrar uma mensagem. Para minha tristeza, não havia mensagens à vista!

Num instante, a minha alegria foi por água abaixo; toda a felicidade e bem estar que eu estava a sentir desapareceram. Voltando a pensar na aula de Ciências daquela manhã, perguntei a mim mesma se não teria imaginado o interesse dele por mim. Talvez tivesse sido uma partida da minha mente, fazendo-me ver uma coisa que eu desejava muito e que, desesperadamente, queria que acontecesse – a substituição do Blake e da paixão que outrora sentimos um pelo outro.

Fiquei aliviada por não ter partilhado estes pensamentos com nenhuma das minhas colegas. Ia ser muito embaraçoso para mim, principalmente, se o Ky não estivesse mesmo interessado. Desalentada, voltei a verificar a minha página, lendo os comentários pouco interessantes. De repente, reparei numa notificação recente - era um convite para clicar um Like numa página qualquer. Curiosa, cliquei para ver do que se tratava – era uma página toda ela dedicada à nossa nova professora de Inglês.

O título dizia “Miss Vruuummley.” Acho que o nome foi escolhido por causa da sua voz esganiçada e estridente, e já tinha muitos Likes. Entre os comentários havia alguns, histéricos, que me fizeram rir às gargalhadas. Fiquei grata por esta inesperada distração! Um rapaz da nossa turma, que está sempre a fazer piadas, escreveu umas coisas muito cómicas , fazendo trocadilhos com as palavras e exagerando os tiques da professora. Parecia tudo muito inocente, sem mal nenhum; por isso, sem me preocupar muito, cliquei um Like, fechei o computador e fui-me deitar.

Quando ia a apagar a luz do candeeiro, ao lado da cama, tornei a pensar no trabalho de Inglês que estava por acabar. Prometi a mim mesma que ia tratar do assunto no dia seguinte. O trabalho tinha de ser entregue até ao fim da semana e eu não queria nada acrescentar um castigo da Miss Bromley à lista dos meus problemas.

Consequências...

A semana parecia que se arrastava. A Lisa continuava muito fria e distante, evitando-me o mais possível e falando apenas o necessário. Decidi ignorá-la e esperar que tudo aquilo passasse; também tinha a esperança que ela percebesse a tempo que tipo de pessoa era o Joe. Entretanto, no meu íntimo, desejei que tudo lhe corresse bem no encontro do fim de semana ; no fundo, era uma simples ida ao cinema, em pleno dia. Fiquei aliviada quando soube que eram esses os seus planos e, sinceramente, esperava que não fossem além disso.

Ultimamente, não tem havido sinais do Ky na escola. Ele faltou à aula de Ciências e, quando fui dar uma espreitadela no parque, também não vi o carro dele. Deixei de receber mensagens e comecei a acreditar que tinha andado a fazer figura de parva a pensar que havia uma ligação mais séria entre os dois.

Tentei superar o meu mal estar e a sensação de que não havia nada que a vida me pudesse oferecer. A única coisa que me alegrava era a ideia de que a Millie estava quase a chegar. Mal podia esperar pelo regresso da minha amiga!

Bom, durante a chamada da manhã, entregaram-me um aviso para me apresentar no gabinete da administração da escola. Curiosamente, enquanto me dirigia para lá, pensei que aquele pormenor tinha mesmo vindo em boa hora, porque, assim, já não teria de ir para a aula de Inglês. Para mim, era uma sorte ter um pretexto para evitar a voz sinistra da Miss Bromley e uma aula super chata.

Quando cheguei ao gabinete, espreitei lá para dentro e vi alguns alunos , já sentados, à volta da mesa de reuniões. Entre eles estavam a Lisa, a Suzy e mais alguns alunos de outro ano de ensino; todos olhavam uns para os outros, perplexos, sem saberem por que razão tinham sido convocados para uma reunião tão solene. Era óbvio que havia algo de importante à nossa espera, porque aquela sala só era usada para reuniões entre os diretores da escola e os coordenadores de departamento disciplinar. Esperámos pacientemente, muito convencidos da nossa importância por termos

sido escolhidos para uma reunião. Sentia-se no ar uma antecipação curiosa.

Contudo, tudo isso mudou radicalmente quando o Sr. Fitzgerald, o Diretor, entrou na sala.

Mesmo quando tudo estava a correr bem, a sua presença era imponente e autoritária. Todos os alunos o temiam. Ele era o tipo de pessoa que silenciava uma sala inteira com uma simples palavra; mas, para nossa horrorizada miséria, naquele momento, a sua atitude e expressão demonstravam um grande fúria e repúdio total.

O meu estômago começou logo a dar guinadas. Estava visto que aquela reunião não ia trazer nada de bom; na verdade, já antecipávamos o pior. Não era nada do que tínhamos previsto; ficámos todos sentados em silêncio e os nossos sorrisos começaram a desvanecer enquanto, cheios de medo, ouvíamos as palavras iradas que saíam da boca do Diretor.

Paralisada de medo, sentei-me, ouvindo o que ele dizia; a cara dele era a máscara da fúria enquanto olhava para todos e cada um de nós. Começou por fazer um apanhado sobre o bom uso das redes sociais, os princípios éticos, e as consequências desastrosas dos comentários inapropriados que algumas pessoas escreviam. Não fazia a mínima ideia do que ele estava a falar; olhei, vagamente, para os outros colegas à volta da mesa, mas, os olhos deles estavam fixos algures, com um ar de culpa estampado nas caras.

Então, o Diretor abriu o computador dele e virou o monitor para nós para que não tivéssemos dúvidas sobre o que ele estava a falar. Bem à nossa frente estava a página do Facebook, com o título “Miss Vruuumley”, que incluía uma foto, nada lisonjeadora, de uma velha com ar selvagem - provavelmente uma colagem de imagens tiradas do Google – como perfil. Era incrível, pensei eu, como a foto era parecida com a Miss Bromley. Mas, este foi o último pensamento lógico que me passou pela cabeça, porque, de repente, comecei a processar as consequências daquilo em que todos estávamos envolvidos.

Em todo o discurso do Sr. Fitzgerald, foi a palavra “expulsos” que me fez despertar e prestar mais atenção. Comecei a sentir uns

suores frios que quase me faziam desfalecer, enquanto que, ao mesmo tempo, sentia um calor intenso que parecia estar a consumir-me como uma bola de fogo. Quase sem respirar, virei-me para a janela mais próxima e engoli uma golfada de ar.

Depois de ter clicado um Like naquela página, nunca mais pensei no assunto, mas, depois disso, apareceu uma longa lista de comentários, assim como alguém tinha acrescentado aquela foto horrorosa. O sr. Fitzgerald estava a acusar-nos daquele comportamento totalmente inadequado e a descompor-nos pela nossa falta de ética. Rematou com a ameaça de expulsão para os responsáveis.

Muito nervosa, percebi as consequências do erro que tinha cometido. Por que raio cliquei um Like naquela página? Se ao menos tivesse ignorado e passado à frente! Por que é que eu era sempre tão impulsiva?

A voz familiar da minha mãe fez-se ouvir na minha cabeça. Como sempre, isso acontecia-me com muita frequência sem nenhuma razão aparente: “Pensa antes de agires, Julia!”

Afastando a minha mãe do pensamento e o modo como ela ia reagir quando soubesse - o que ia suceder mais cedo ou mais tarde -, concentrei-me nas palavras do Sr. Fitzgerald. Segundo ele, tinha acontecido uma coisa semelhante numa escola privada da cidade; lembrei-me de ter ouvido falar nisso no noticiário. A cena tornou-se viral e a reputação da escola ficou muito afetada. Além de terem ridicularizado um professor nas redes sociais, a página espalhou-se pelo país todo e a escola e o modo como os alunos usavam os computadores foram alvo de uma inspeção. É claro que este género de publicidade era má para a escola e o Sr. Fitzgerald queria evitar, a todo o custo, que o mesmo se repetisse com Carindale High, a nossa escola.

Quando, finalmente, fez uma pausa para respirar, olhei para os outros, à volta da mesa, mas não me senti nada confortada quando vi o medo na cara deles. Então, o Diretor mandou-nos sair da sala e esperar à entrada até sermos novamente chamados. A intenção do Sr. Fitzgerald era solicitar que o agente da autoridade, destacado para a escola, estivesse presente quando ele nos interrogasse, um

de cada vez, a fim de descobrir o grau de responsabilidade de cada um.

Calada, juntei-me ao grupo e sentei-me na sala de espera, perto do gabinete. Ninguém se atreveu a falar, mas os olhares que trocámos diziam tudo. Dizendo isto de forma suave, nós sabíamos que estávamos metidos num grande sarilho; ansiosamente, ficámos à espera que os nossos nomes fossem chamados.

Desanimada, olhei para a Lisa que desviou logo a cara. Percebi, claramente, que ela não me queria como aliada. Esperei, ansiosa, com os outros, sentindo uma enorme vontade de vomitar. Uma aluna chamada Sally teve a infelicidade de ser a primeira a ser interrogada. Não sabíamos quem iria a seguir a ela, mas os minutos passavam , em contagem decrescente, como se uma bomba estivesse prestes a explodir.

Por fim, a Sally abriu a porta. Com uma cor esquisita, olhou para nós e vi que tinha lágrimas nos olhos. Sem falar, passou por nós e foi a correr para os lavabos.

Aflita, comecei a ter dificuldade em respirar. Inspirava e expirava, profundamente, para acalmar os nervos e controlar a náusea que me pesava no estômago. O destino pregava-nos partidas muito cruéis. Pensei, fugazmente, no que ainda teria de enfrentar.

Por fim, quando chegou a minha vez de testemunhar, enfrentando o pelotão de fuzilamento, pensei que os meus joelhos iam fraquejar e apoiei-me na cadeira. A seguir, respirei fundo e entrei na sala de reuniões ; nem dei conta dos minutos que passei lá dentro. Quando saí , ainda me sentia em choque , com o corpo todo dorido; tal como os outros, fui a correr para os lavabos.

Rapidamente, percebi que, de todo o grupo, eu era a única que tinha sido poupada. Como só tinha clicado no Like e não tinha feito nenhum comentário, levei uma repreensão apenas. Só isso. Mas, os outros não tiveram a mesma sorte.

Por milagre, nenhum foi expulso, mas todos foram castigados com suspensões, que podiam variar de acordo com a gravidade dos atos. A Shelley, que tinha sido a autora da página, teve o castigo máximo – duas semanas de suspensão. Tive pena dela quando a vi esconder a cara, a chorar.

O Sr. Fitzgerald disse-lhe ainda, tal como aos outros, que o incidente ficaria registado na caderneta escolar. A pobre Shelley percebeu que as suas aspirações a uma bolsa de estudo para entrar na faculdade estavam em sério risco; tudo por causa de uma brincadeira parva.

-Por que é que fui tão estúpida? – soluçava ela. – Era só uma brincadeira sem mal nenhum. Nunca esperei que isto acontecesse!

Mais uma vez, senti ondas de alívio a invadirem-me. Eu sabia que os meus pais iam receber um telefonema, mas, aparte isso, para mim, o caso estava encerrado e não ia sofrer com consequências mais graves.

Mas, para o resto do grupo, o que mais os preocupava era a possível reação dos pais; além da Shelley, a Lisa era quem estava mais devastada.

-O meu pai vai-me matar! – lamentava-se. – Vai-me castigar para o ano todo!

Então, pensei nos meus pais, principalmente no meu pai, a quem eu não queria desapontar. Sei que ele ia ficar chocado e , provavelmente, ia dar-me um raspanete enorme sobre as vantagens e desvantagens do Facebook, destacando, é claro, todos os aspetos negativos que lhe viessem à cabeça. Embora isso não fosse necessário, porque eu já tinha resolvido nunca mais me envolver numa coisa assim.

-Aposto que alguém nos chibou! – protestou a Shelley, enquanto olhava para nós, furiosa. – A Miss Bromley nem deve ter Facebook. Aposto que ela nunca iria ficar a saber se um de nós não tivesse chibado!

-Deve ter sido um daqueles nerds que adoram chatear! – acrescentou alguém do grupo, também, furioso. – Deve ser alguém que lhe quer agradar; dar graxa só para ter boa nota!

-Oh, não!!! – balbuciou, de repente, a Lisa. – Mais um problema!

-O quê? – atalhou a Shelley. –O que foi agora?

-Vou ser castigada e já não posso ir ao cinema com o Joe, amanhã!

Para a Lisa, este castigo parecia ser o pior dos castigos. A tristeza tomou conta dela e, arrasada, reventou a chorar.

Ansiosa, fiquei a olhar, sem saber o que dizer. Mas, no fundo, achava que aquele castigo tinha sido a melhor coisa que lhe podia ter acontecido, uma bênção disfarçada que a impedia de ir ao tal encontro com o Joe.

No que diz respeito a consequências de maior, eu tinha sido poupada. Mais ninguém teve tanta sorte como eu; por isso, nem me atrevia a fazer comentários. Além disso, sabia que eles não iriam entender a minha solidariedade.

Então, para evitar mais aborrecimentos ou confrontações, especialmente com a Lisa, decidi escapar-me rapidamente.

Sentindo uma mistura de empatia pelos outros e de alívio por ter sido poupada, corri para a aula seguinte. Dirigi-me para os laboratórios de Ciências, extremamente grata porque o primeiro período estava quase a acabar e porque não tive de enfrentar a Miss Bromley.

Nesse momento, quando menos esperava, dei de cara com o Ky.

Montanha Russa...

Ele vinha da direção oposta. Eu ia a caminhar de cabeça baixa, a pensar na minha vida, ainda abalada com os acontecimentos da manhã. Quando cheguei à porta da sala de aula, olhei para cima, e lá estava ele, também a chegar naquele momento.

Os nossos olhares cruzaram-se e senti um pequeno arrepio a percorrer-me a espinha.

-Olá – cumprimentei timidamente, enquanto entrava na sala.

-Olá – respondeu ele, com os seus olhos escuros fitando os meus.

Com o coração a bater, descompassado, dirigi-me para o fundo da sala e sentei-me no primeiro lugar livre que encontrei. Por coincidência, estava outro lugar vago mesmo ao lado do meu. Olhei de soslaio enquanto pousava os livros em cima do balcão à minha frente.

Quase sem me atrever a respirar, não tirava os olhos do professor à nossa frente. Mas, a minha visão periférica captou o Ky a sentar-se ao meu lado.

-Posso sentar-me aqui? – perguntou ele muito baixinho para não chamar a atenção. Tínhamos ambos chegado uns minutos atrasados e o professor já tinha reparado em nós, com má cara.

-Sim, claro, tudo bem – respondi com um sorriso nervoso e virei-me para a frente.

Eu não queria que ele percebesse a minha excitação; por isso, nem me atrevia a olhar para ele. Mas, o meu corpo tremia todo como se estivesse ligada à eletricidade.

Desesperada, tentei concentrar a atenção toda no professor, que estava a fazer revisões da matéria que demos no último semestre. Era uma preparação para o exame que íamos ter na semana seguinte, mas eu mal conseguia ouvir o que ele estava a dizer. Na verdade, acho que não ouvi uma única palavra do que ele disse.

Durante a aula toda, só pensava no rapaz que estava sentado ao meu lado e, embora pudesse parecer que eu não lhe estava a ligar nenhuma, eu estava absolutamente extasiada com a sua presença.

Espreitando, de vez em quando, pelo canto do olho, reparei nas mãos dele enquanto escrevia: dedos esguios, pele morena; tinha

um anel no indicador da mão esquerda. Era um anel fino, cor de prata, e, segundo o que consegui ver, tinha gravado uma espécie de símbolo.

Ele era canhoto, reparei; um traço pouco comum. Acho que nunca tinha conhecido ninguém que fosse canhoto, pelo menos, pessoalmente. Será que alguma vez o irei conhecer pessoalmente? Quando pensei nisto, os meus lábios esboçaram um pequeno sorriso.

O destino era uma coisa muito estranha. Se eu não tivesse levado aquele raspanete por causa do Facebook, que me fez chegar atrasada à aula, tinha perdido a oportunidade de estar sentada junto dele. Mas, será que isso ia levar a algum lado? Eis a questão!

Por momentos, lembrei-me da cara do Blake. Por que raio me lembrava sempre dele a toda a hora? Ainda por cima, nos momentos mais inoportunos! Será que a existência dele ia assombrar-me toda a vida?

Fiz um grande esforço para voltar à realidade e, como precisava mesmo de estar com atenção, comecei a passar os apontamentos do quadro para o meu caderno; qualquer coisa servia para fingir que estava ocupada. Mais tarde, quando tentei ler o que tinha escrito, não consegui entender aqueles rabiscos.

Era de loucos. Estava eu a assistir a uma revisão crucial da material de Ciências e só pensava em rapazes, em especial, naquele que estava sentado ao meu lado...

Pouco depois, quando senti o joelho dele a roçar no meu, tive de conter um gritinho que tentava escapar e fingi que estava a tossir. Terá sido por acaso? Ou será que ele encostou a perna de propósito? Não me atrevi a mexer, mas, fiquei tensa, tentando controlar as descargas elétricas que percorriam o meu corpo.

Que estranho! Uma pessoa que eu mal conhecia estava a ter, em mim, um efeito muito intenso. Perguntei a mim mesma se ele já teria percebido os meus sentimentos.

Quando olhei para o relógio na parede e vi que a aula estava quase a terminar, fiquei em pânico. O que é que eu ia fazer? Ser simpática? Dizer alguma coisa? Mas, o quê?! Ou então, mostrar-me distante, fria, sem dizer uma palavra? Levantar-me, apenas, e sair?

A aula estava a terminar e eu não queria arruinar aquele momento; perder a oportunidade de, pelo menos, iniciar uma conversa. Mas, como se as minhas preces tivessem sido ouvidas, a solução foi-me oferecida de bandeja e não tive de fazer nenhum esforço.

Toda a gente se levantou para sair, ansiosos pelo intervalo. Contudo, como eu e o Ky nos tínhamos sentado no fundo da sala, fomos os últimos a sair. Eu estava aflita, tentando encontrar qualquer coisa interessante para lhe dizer, qualquer coisa que lhe chamasse a atenção, quando, inesperadamente, ouvi a voz do professor:

-Julia. Ky. Não se importam de me dar uma ajuda? Preciso de alguém para me levar esta pilha de livros, lá para baixo, para a arrecadação.

-Com certeza, Sr. Anderson! – respondeu o Ky sem hesitar, fitando-me com os seus olhos intensos que procuravam os meus.

- Aaah, claro, Mr. Anderson! – acrescentei, com a pulsação completamente descontrolada, só com a ideia de passar mais uns cinco minutos ao lado do Ky.

Mas, para meu belo prazer, aqueles cinco minutos transformaram-se em vinte, que era, sensivelmente, o tempo que se demorava para ir até à arrecadação. Naquele momento, não havia nada que me agradasse mais para passar o intervalo! Quando acabámos, rimos e dissemos umas piadas; pelo menos, conseguia sentir-me mais à vontade na companhia dele.

Tudo correu muito bem até termos feito o trabalho; de repente, ficámos ali, parados, sozinhos, no corredor. Era um daqueles momentos esquisitos em que se fica a olhar um para o outro e ninguém sabe o que dizer.

Com medo de fazer má figura e ficar envergonhada, olhei para ele de lado, desesperada por encontrar as palavras certas. Fiquei muda, incapaz de falar e comecei a corar à espera que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa para disfarçar a intensidade daquele momento.

O meu coração pulava no peito, mas, não conseguia mexer-me; parecia que estava pregada ao chão. Era uma sensação muito

estranha, porque eu não sabia mesmo o que fazer. Os olhos dele, castanhos e penetrantes, fixavam os meus e, de repente, ao mesmo tempo, abrimos a boca para falar.

-Desculpa – disse eu. -Tu, primeiro!

Então, ele murmurou as palavras pelas quais que eu suspirava.

-Queres sair comigo um dia destes, Julia?

Precisamente quando eu estava a preparar a voz para lhe responder, tocou a campainha para a entrada, ferindo-me os ouvidos. Sorria-lhe, enquanto esperava que aquele barulho ensurdecedor acabasse.

Por fim, o toque parou e encontrei coragem para lhe dizer:

-Sim, quero. Ia ser divertido.

Sorrindo, olhei para os olhos dele, mais uma vez; dois lagos de emoção, atraentemente escuros, a olharem para mim. Em poucos segundos, o corredor ficou cheio de alunos e dos seus mexericos; corriam para a aula seguinte e aquele momento mágico, entre nós, desvaneceu-se.

Antes de ir na direção oposta, virou-se para mim e proferiu estas simples palavras: “Eu mando-te uma mensagem.”

A seguir, desapareceu, envolto numa onda de alunos apressados.

Enrolando os braços à volta do meu corpo, como se estivesse a dar um abraço a mim mesma, celebrei em silêncio. Senti um sorriso rasgar-se na minha cara, de um lado ao outro, enquanto caminhava para a aula. Se alguém me tivesse avisado antes que aquele dia ia ser uma montanha russa de emoções – de sustos, de desespero, mas também, de uma alegria enorme e inesperada – eu nunca teria acreditado.

Abrindo a porta da sala de aula, depressa descobri que a loucura daquele dia estava muito longe de acabar.

Caos...

A meio da aula de Matemática, começou a tocar o alarme da escola; um barulho contínuo e agudo que, imediatamente, nos fez parar o que estávamos a fazer. Uma grande atrapalhão para a nossa professora, que nunca tinha ensinado em Carindale High, e não sabia o que devia fazer em situações como esta.

A princípio, julgámos que era um exercício de simulação de incêndio; este tipo de exercício era feito com regularidade e, embora os nossos professores ficassem aborrecidos porque lhes interrompiam as aulas, os alunos ficavam super felizes com esta desculpa para ficarem livres das aulas.

-É o alarme de incêndio, Miss – assegurou o Jack, um dos rapazes que estava sentado à frente e se tinha apercebido da confusão da professora. Já nos tínhamos levantado todos e dirigíamo-nos para a porta. O nosso procedimento habitual consistia em irmos para o exterior e reunirmo-nos todos no campo de jogos, que fica um pouco afastado dos edifícios.

A professora, alvoroçada e insegura, sem saber bem se aquilo era apenas uma simulação ou algo mais sério, insistiu para que ficassemos nos nossos lugares até ela ligar para a administração a fim de confirmar. Alguns alunos ignoraram estas instruções e continuaram a dirigir-se para a porta, enquanto outros aproveitavam o tempo para conversarem uns com os outros.

O nível de ruído dentro da sala atingiu o volume máximo com todos a falarem alto para se fazerem ouvir no meio do barulho. Embora a turma não estivesse fora de controlo, a verdade é que reinava o caos; a professora, que tentava saber mais informações ao telefone, estava muito nervosa e tentava manter um vislumbre de autoridade sobre os alunos.

Então, num abrir e fechar de olhos, calámo-nos todos quando ela gritou:

-É UM RECOLHER OBRIGATÓRIO!!!

Imediatamente, todas as cabeças se viraram para aquela voz de pânico que nos gritava do outro lado da sala. O desespero genuíno que lhe vimos no semblante foi a prova de que precisávamos – em poucos segundos, compreendemos que, afinal, não se tratava de

um simples e habitual exercício; havia mesmo um recolher obrigatório, a sério, na escola!

Eu nunca tinha toda outra experiência a não ser as práticas habituais; mas, neste caso, parecia que toda a gente tinha de ficar na sala, incluindo a professora.

Depois de ter ido a correr fechar a porta, a professora começou aos gritos a mandar-nos esconder debaixo das mesas. Automaticamente, alguns alunos obedeceram àqueles gestos frenéticos enquanto outros olhavam para todo o lado, confusos e inseguros, sem perceberem o que se estava a passar.

No meio daquela confusão toda (que mais parecia um hospício!), ouvimos alguém gritar: -MEU DEUS! MAS O QUE É QUE SE ESTÁ A PASSAR??

Foi, então, que ouvimos um barulho enorme de vidros a partir e sentimos um estrondo, mesmo junto das janelas da nossa sala. Ficámos todos em pânico. Alguns, que estavam de pé, conseguiam ver o que se estava a passar através da fila de janelas que havia no cimo da parede. Tivemos, então, uma visão assustadora do perigo que nos ameaçava e que nos obrigava a esconder.

Vindo do nada, vimos um aluno mais velho, com uma expressão de louco, mostrando bem como estava transtornado. Tirando um detalhe curioso, ele usava o uniforme completo da escola; lembrei-me que, na verdade, já o tinha visto a rondar a escola, muitas vezes, durante o semestre. Mas, foram aqueles enormes alargadores nas orelhas que me chamaram a atenção. Lembrei-me que fiquei completamente fascinada quando o vi com aqueles alargadores super gigantes nos lóbulos das orelhas ; mais tarde, vim a saber que a escola não permitia o uso daquele tipo de piercings.

Mas, naquele preciso momento, vendo aquele rapaz enlouquecido mesmo do lado de fora das nossas janelas, naquele momento, não eram os alargadores nas orelhas o que mais me preocupava, mas sim, o brilho da lâmina de uma faca enorme que ele brandia no ar, como se estivesse a esfaquear tudo à sua volta. O perigo daqueles movimentos tenebrosos da mão ainda era mais acentuado pelo seu olhar demente enquanto agitava a faca como uma espada, pronto a atacar quem lhe fizesse frente. Quando ele se

voltou para a nossa janela e viu que estávamos todos, esgazeados de medo, nesse instante ouvi vários gritos atrás de mim que me deixaram petrificada.

Nessa altura, a voz da professora, finalmente, fez-se ouvir nas mentes daqueles que ainda estavam transidos de medo.

-Para debaixo das mesas, depressa! – gritou ela, em histeria crescente. – Vamos! Depressa!

Rapidamente, juntei-me aos que procuravam abrigo: qualquer sítio servia para nos escondermos daqueles olhos alucinados que, agora, espreitavam para dentro da sala.

Por todo o lado só se ouviam guinchos de medo; a professora pedia-nos para estarmos calados e quietos, mas os seus pedidos eram inúteis; como é que, realmente, nos podíamos esconder daquele perigo à espreita, lá fora? Ele já nos tinha visto; não me parecia nada lógico ficarmos ali na sala, à vista.

Sem saber como reagir, fiquei de cócoras, debaixo de uma mesa, desconfortável, e esperei por novas instruções. Então, quando olhei para trás, percebi, subitamente, que estava face a face com a Sara Hamilton.

A expressão de aversão que ela tinha na cara não era por causa do recolher obrigatório. Não! Eu tinha a certeza absoluta que ela estava assim, com aquele ar de repugnância, porque, por um mero acaso, estava ao meu lado. A ironia do cenário não me passou despercebida. Fomos obrigados a escondermo-nos do perigo que estava lá fora e, ali estava eu, agachada debaixo de uma mesa precisamente ao lado da pessoa que eu mais queria evitar.

Ainda pus a hipótese de ir para outro lugar, mas a professora já tinha dito para permanecermos imóveis. Embora já não víssemos o vulto do rapaz e calculássemos que ele se tinha ido embora, a verdade é que ainda corríamos perigo; por isso, continuámos de cócoras, escondidos, partilhando um silêncio pesado de medo.

Havia gemidos e soluços por toda a sala, até que, de repente, eles se transformaram em gritos agudos quando ouvimos o barulho de mais vidros a serem esmagados, no exterior.

Instantaneamente, as cabeças levantaram-se e alguns rapazes correram para as janelas, ansiosos por verem o que tinha sido a

causa do barulho. Estes movimentos foram acompanhados com mais gritos da nossa professora, que, muito nervosa, tentava manter o controle.

Cheia de medo, olhei em volta e foi então que os meus olhos caíram em cima da Sara; reparei que a sua expressão de preocupação e olhar lancinante denunciavam que ela também estava assustada.

Quando ouvimos mais vidros a partir, ouvi um soluço da Sara e senti que, de repente, ela me agarrava o braço. Tinha sido uma reação involuntária, obviamente, reagindo ao medo que a situação lhe causava. Lembrei-me que também já tinha feito o mesmo quando fui ver um filme de terror ao cinema. Agarrei o braço do homem que estava ao lado, o que foi muito constrangedor, principalmente, porque ele era um total estranho.

Olhando para a mão da Sara a agarrar-me o braço, perguntei a mim mesma, se alguma vez ela já se teria sentido envergonhada com alguma coisa. Isto foi confirmado logo de seguida, porque , rapidamente, tirou a mão assim que percebeu o que tinha feito. Mas, naquele momento, eu tinha muito mais com que me preocupar do que com os possíveis embaraços da Sara.

Subitamente, ouvi o choro abafado de vários alunos que estavam escondidos debaixo das mesas e atrás de uma grande estante, agora uma guarita, num canto ao fundo da sala.

-Ele já se foi embora?

-O que é que é que se passa lá fora?

-Ele vai atacar-nos com aquela faca?

-Meu Deus! Vamos morrer todos!!!

-Falem baixo, está bem? Vai correr tudo bem! – Com uma voz titubeante, a professora tentava acalmar o pânico que irrompia por toda a parte. Mas, as palavras dela não surtiram nenhum efeito.

Então, em resposta aos nossos medos, ouvimos gritos furiosos seguidos por uma grande agitação. Alguns rapazes (incluindo o Jack) foram a correr para a janela para verem melhor o que estava a acontecer; gritaram, excitados:

-É a polícia!

Em poucos segundos, quase todos os alunos correram para as janelas ou treparam para as mesas para verem melhor. A professora gritava para descermos e ficarmos escondidos, mas de nada lhe serviu, porque a maioria da turma ignorou-a por completo. A excitação dos acontecimentos no exterior era demasiada e, fascinados, assistimos à detenção do rapaz que estava deitado no chão. Mesmo assim, ele continuava a debater-se furiosamente, dando pontapés e murros para escapar. Felizmente, a faca tinha caído e jazia em cima da relva a uma distância segura.

Atrás de nós, continuava a ouvir a professora a gritar para nos afastarmos das janelas e descermos das mesas, mas, no fundo, ela sabia que era impossível manter a ordem na sala.

Ainda a tremer de medo pela intensidade da situação, vi a polícia algemar o rapaz, obrigando-o a levantar-se. A nossa turma toda foi acometida pela emoção, desde lágrimas e soluços até gritos de alegria, quando vimos o rapaz a ser levado para o carro da polícia que estava estacionado no parque da escola.

Entretanto, algumas alunas ainda estavam escondidas, com medo, tentando confortar-se umas às outras, completamente histéricas. Aquela cena toda tinha sido terrivelmente assustadora e eu ainda sentia o coração a bater muito com tudo o que testemunhámos.

Mais tarde, à noite, quando me sentei junto do meu irmão, ele escutou-me, fascinado, enquanto eu relatava, entusiasticamente, o episódio todo, desde o momento em que ouvimos a sirene a tocar para recolher obrigatório. No estilo próprio dos rapazes, o meu irmão ficou cheio de inveja, porque eu e os meus colegas tínhamos presenciado tudo o que aconteceu, ao vivo e a cores, enquanto ele estava confinado numa sala do outro lado do recinto, sem dar conta do que se estava a passar.

Contudo, ele tinha alguma informação extra para partilhar. Aparentemente, o rapaz já tinha sido expulso de outras escolas; chegava sempre atrasado às aulas, com os olhos vítreos e um ar muito marado. Era óbvio que andava metido na droga e, por uma razão qualquer, tinha perdido o controlo. Mas, ninguém fazia ideia por que razão ele tinha atacado a escola.

Então, contei ao Matt o incidente do Facebook. Mais uma vez, ele ficou perplexo enquanto eu referi os detalhes sobre a nossa ida ao Diretor. Como ele também já tinha sido aluno da Miss Bromley, primeiro, riu-se; aliás, achou a página no Facebook absolutamente hilariante; principalmente, alguns posts e comentários que tinham sido adicionados, porque descreviam a Miss Bromley na perfeição.

Mas, assim que soube das consequências e dos castigos atribuídos pelo Diretor, depressa mudou de opinião. Só de imaginar a cara do Sr. Fitzgerald, a explodir de raiva com aquilo que tínhamos feito e a sua voz feroz a anunciar a suspensão da maioria dos alunos envolvidos, só esse terrível panorama era o suficiente para desencorajar o Matt de fazer algo parecido.

Entretida com a longa conversa, olhei para o relógio da cozinha e percebi que já era muito tarde. Já não me lembrava de conversar assim com o meu irmão, de me sentir tão bem a contar-lhe coisas. Muito menos, de estarmos tanto tempo, sentados, a conversar. Geralmente, depois do jantar, ele corria de volta para o computador e eu retirava-me para o meu pequeno mundo, dentro das quatro paredes do meu quarto.

Olhei para ele com ternura, pensando, por momentos, naqueles dias (não tão distantes!) em que ele fazia tudo para me aborrecer. Por vezes, não o podia suportar ao meu lado e sentia-me mal só por estarmos os dois, juntos, na mesma sala. Mas, agora, compreendi que, de alguma forma, com o tempo, eu tinha mudado e olhava para ele de uma maneira completamente diferente.

Por outro lado, reparei que ele se tinha tornado muito atraente, com o seu cabelo louro ondulado, puxado para a frente, sobre os olhos.

Afastando o cabelo, sorriu prazenteiro; aquele seu sorriso irresistível que toda a gente adorava. Realmente, ele era uma pessoa muito simpática, com uma personalidade divertida. Esta dupla combinação tornavam-no um alvo muito popular entre as miúdas; ultimamente, ele estava “atolado em interesse” por várias, não só do mesmo ano como de escolas diferentes, também. Muitas vezes, eu sentia dificuldade em me lembrar dos nomes todos, mas,

por mais estranho que parecesse, ele não tinha uma namorada a sério.

A única coisa que eu não quis contar ao Matt foi a minha paixão pelo Ky. Era algo que eu queria guardar só para mim. Desde que cheguei a casa, naquela tarde, tinha estado sempre a ver o Facebook na esperança de encontrar a mensagem que ele me tinha prometido; mas, aparte um “olá”, muito rápido, da Millie, não tinha mais nenhuma mensagem. Nada.

Voltei a recordar as palavras dele naquele dia e repeti-as na minha cabeça: “Queres sair comigo um dia destes?”

Só de pensar nesta pergunta provocava-me um súbito arrepio, assim como uma ansiedade, já familiar; recordei a sua cara sorridente enquanto me dizia adeus.

Nesse momento, o Matt anunciou que tinha trabalhos de casa e outras coisas para fazer; decidi, então, ir até ao meu quarto. Cheia de esperança e ansiosa, corri pelas escadas acima, mortinha por ver as minhas mensagens mais uma vez. Contudo, quando cliquei no símbolo e vi que não tinha mensagens, fiquei tão desapontada que me atirei para cima da cama, perguntando a mim mesma, se não estaria a inventar um caso do nada.

Sentindo-me exausta pela tensão do dia , fechei o computador e decidi preparar-me para me deitar. Com o único consolo de saber que voltaria a encontrar o Ky na escola, no dia seguinte, tentei apagar todos os pensamentos negativos e fechei os olhos.

Em poucos segundos, estava a dormir profundamente, desconhecendo, completamente, o que me iria acontecer a seguir.

Tempestade...

À pressa, agarrei nos livros que estavam no meu cacifo, cheia de nervos, porque não queria chegar atrasada para a aula de Inglês. Era o que eu mais queria evitar! Depois do incidente com o Facebook, não tinha a mínima dúvida que já tinha sido sinalizada no radar da Miss Bromley ; por isso, não queria dar-lhe mais motivos para reparar em mim.

Olhei em volta enquanto fechava o cacifo à chave e, quando me voltei, reparei que a Sara estava a remexer no cacifo dela que ficava a poucos metros do meu. Eu achava que era uma enorme

infelicidade que os nossos cacifos ficassem tão próximos um do outro; até já tinha pedido para mudar para outro, mais longe, mas não havia nenhum disponível.

Abanando a cabeça de um lado para o outro para que o meu cabelo me tapasse a cara como um véu, espreitei pelo canto do olho, discretamente, para ver o que ela estava a fazer. Eu não queria nada chamar a atenção dela! Mas, aconteceu algo inesperado (que me pôs de rastos!) e tive a oportunidade de confirmar o que eu já suspeitava.

Contudo, ela deve ter notado que eu estava a olhar, porque, atirando para trás o seu louro cabelo esvoaçante, virou-se para mim, de repente, com uma expressão que misturava arrogância e desdém.

-Para onde estás a olhar?

Ignorando aquela pergunta agressiva, passei por ela em direção à sala de aula... evitando todo e qualquer contato visual!

Percebi que ela estava de mau humor e não queria arranjar mais problemas. O que, aliás, não era nada difícil! Eu tinha assistido a um dos seus ataques de raiva contra uma aluna mais nova, precisamente no dia anterior, quando, sem querer, ela foi contra a Sara no corredor.

Mas, naquela momento, com a pressa de passar, deixei cair ao chão um dos meus livros. Quando me debrucei para o apanhar, desequilibrei-me e deixei cair os outros. Começando a corar, cheia de vergonha, baixei-me para os apanhar. Quando levantei os olhos, devagarinho, reparei que ela tinha ficado no mesmo sítio, quieta, a apreciar os meus movimentos.

Ela estava a adorar a minha humilhação e não tirava os olhos de cima de mim, deliciada por saber que a sua presença ainda me atrapalhava mais. Quando me levantei, com os livros e o resto das coisas, completamente à toa nos meus braços, tentei, novamente, passar de lado, mas, para meu azar, ela pôs-se à minha frente, bloqueando o meu caminho.

Sem poder evitar, olhei para ela com as sobrancelhas erguidas e um ligeiro acenar de cabeça. Estava decidida a não deixar que ela

levasse a melhor e resisti à tentação de expressar por palavras tudo o que me ia na alma.

Eu achava que se o fizesse, chamando-lhe todos os nomes de que me podia lembrar, iria baixar ao nível dela e encorajar mais bullying da sua parte. Por isso, recorri a todas as minhas forças e mantive a boca firmemente fechada.

Sorrindo de troça, ela continuou a olhar enquanto eu passava por ela, continuando a caminhar para a sala de aula. Podia sentir os olhos dela a fuzilarem-me pelas costas, mas não me atrevi a olhar para trás. De cabeça erguida, continuei a caminhar. Tinha a certeza de que ela estava à espera de uma reação da minha parte, mas queria negar-lhe esse prazer. Misturei-me com os alunos que iam para a aula, ansiosa por me afastar dela o mais longe possível.

Corri para o meu lugar e comecei a prestar atenção ao monólogo chatíssimo da Miss Bromley, o que não era fácil, porque ainda tinha muito presente aquele encontro com a Sara, uns minutos antes. O que mais me chocou, aparte aquele olhar demoníaco, foi a sua extrema magreza. Eu já tinha notado que ela estava a emagrecer quando a vi na semana anterior, mas agora, ela ainda tinha emagrecido mais.

Era horrível ver como a roupa lhe ficava larga; parecia que estava pendurada num cabide. A Sara tinha um corpo fantástico e ficava sensacional com qualquer coisa que vestisse. Não era capaz de acreditar nos meus olhos. Que mudança tão dramática! Depois de a ter encontrado junto dos cacifos, mudei, radicalmente, a minha opinião sobre o look dela.

A palavra anorexia surgiu na minha cabeça e perguntei a mim mesma se esse não seria o problema da Sara. Não conseguia compreender por que raio de ideia ela tinha decidido emagrecer! Li algures que as pessoas que sofrem de anorexia acham sempre que têm peso a mais, mesmo quando isso não é verdade. Seria esse o caso? Aparentemente, a anorexia é uma espécie de doença psicológica que afeta um numero enorme de jovens em todo o mundo. Embora nunca tivesse conhecido ninguém com esse problema, tinha quase a certeza que a Sara se encaixava na descrição.

De repente, deixei de pensar nela e lembrei-me que não tinha notícias do Ky. Sentada no meu lugar, conseguia ver, perfeitamente, o parque de estacionamento e o sítio onde ele costumava parar o carro. Olhei pela janela na tentativa de saber, pelo menos, se ele estava na escola ou não. Mas, foi um lugar vazio que os meus olhos encontraram. Desapontada, suspirei.

Achando que devia ser mais paciente, olhei para o quadro, mais uma vez, e tentei absorver o significado das palavras que estavam escritas. A professora tinha-nos dado uma passagem de Shakespeare para analisarmos e tínhamos de interpretar o simbolismo que ela continha. Para mim, o texto não fazia sentido nenhum; achei que era muito difícil entender o que a Miss Bromley nos estava a pedir.

Aliás, Shakespeare era matéria de anos mais avançados e todos nos queixámos quando ela admitiu que, realmente, aquele tema não fazia parte do nosso programa. Perante o nosso descontentamento, ela contra argumentou, dizendo que se trabalhássemos esse tópico mais cedo, ficaríamos dentro do assunto, o que seria muito bom para nos preparar para os anos seguintes.

-OMG! É inacreditável! - murmurou alguém atrás de mim; concordei com um aceno de cabeça.

Por fim, tocou a campainha e pudemos todos fugir dali. Dois tempos seguidos de Inglês eram uma perfeita tortura. Suspirei de alívio quando a aula acabou. Saindo para o intervalo da manhã, olhei para o lugar onde, geralmente, me sentava com as minhas amigas e vi que conversavam, cheias de animação. À medida que me fui aproximando, consegui ouvir a voz excitada da Beth e fiquei curiosa em saber qual seria o último mexerico que tanto lhes interessava.

-O que é que se passa? –perguntei, curiosa, quando me aproximei do grupo.

-Ainda não sabes a última, Julia... sobre o Blake Jansen e a Monica Peterson?

Instantaneamente, o meu coração caiu-me aos pés.

-Não – respondi, cautelosamente. – Acho que ainda não!

-Bem, eles são o assunto mais quente do dia e parece que a Sara está furiosa! – continuou a Beth.

-Yep! – acrescentou a Beth. – Provavelmente, é por isso que ela está tão escanzelada! Bom, pelo menos, é a minha opinião!

Olhei para elas, completamente chocada, sem conseguir articular uma palavra.

O Blake e a Monica? A Monica, aquela miúda bonita com quem o tinha visto nos últimos tempos?!

Lembrei-me, então, que já os tinha apanhado numa profunda conversa, rindo-se muito, o que demonstrava que eles se sentiam bem um com o outro. Reparei neles, sem darem conta, enquanto sentia uns espasmos de ciúmes a corroerem-me as profundezas do meu ser, como as pancadas de um machado cruel dilacerando-me impiedosamente, sem considerar os estragos que estava a infligir.

A minha cabeça fervilhava em confusão total enquanto tentava compreender o que a Beth estava a dizer.

Seria mesmo verdade que ele andava com outra? Seria oficial? Não seria algo que eu tivesse, simplesmente, imaginado entre os meus acessos de inveja silenciosa?

Incrédula, abanei a cabeça. Sentei-me, calada, enquanto as outras continuavam os mexericos sobre os últimos casalinhos e romances que tinham surgido na escola, principalmente, entre colegas do nosso ano.

Tentei processar esta catadupa de informações ao mesmo tempo que controlava a tempestade que me ia na cabeça e na alma.

Mas, afinal por que motivo estava eu tão preocupada? Já não me tinha convencido de que não ia resultar? Não tinha sido eu a decidir afastar-me?

Senti uma náusea, a bília a subir-me à garganta. Não era justo. Se ele não era para mim, então, também não devia ser para mais ninguém.

Mas, o pior é que eu sabia que não tinha razão nenhuma; não tinha o direito de me sentir assim. Ele tinha tentado; e, mais do que uma vez. Mas, eu tinha corrido com ele, demasiado orgulhosa para ceder. Embora, no fundo do meu coração, eu estivesse desesperada por aceitá-lo de volta.

Nesse preciso momento, vi uma figura familiar a caminhar na minha direção.

Olhando para ele, a minha cabeça começou a ficar cheia de pensamentos confusos.

Quando ele chegou perto e os nossos olhos se cruzaram, reparei que ele sorria com carinho.

-Olá, Julia! – a sua voz macia chamou a atenção de todas as minhas amigas que estavam à minha volta. Imediatamente, pararam de conversar; olharam para ele, muito atentas e cheias de curiosidade.

Admirada e confusa, respondi:

-Olá, Ky!

As palavras saíram-me da boca como se tivessem vida própria. Segui-lhe o olhar enquanto ele se sentava ao meu lado.

Obrigada por ter lido

Julia Jones – Os Anos da Adolescência

Livro 2

O Amor é uma Montanha Russa

Se gostou, não se importa de escrever um comentário, por favor?

Muito obrigada!

Katrina x

P.S. O Livro 3 vai sair muito em breve!

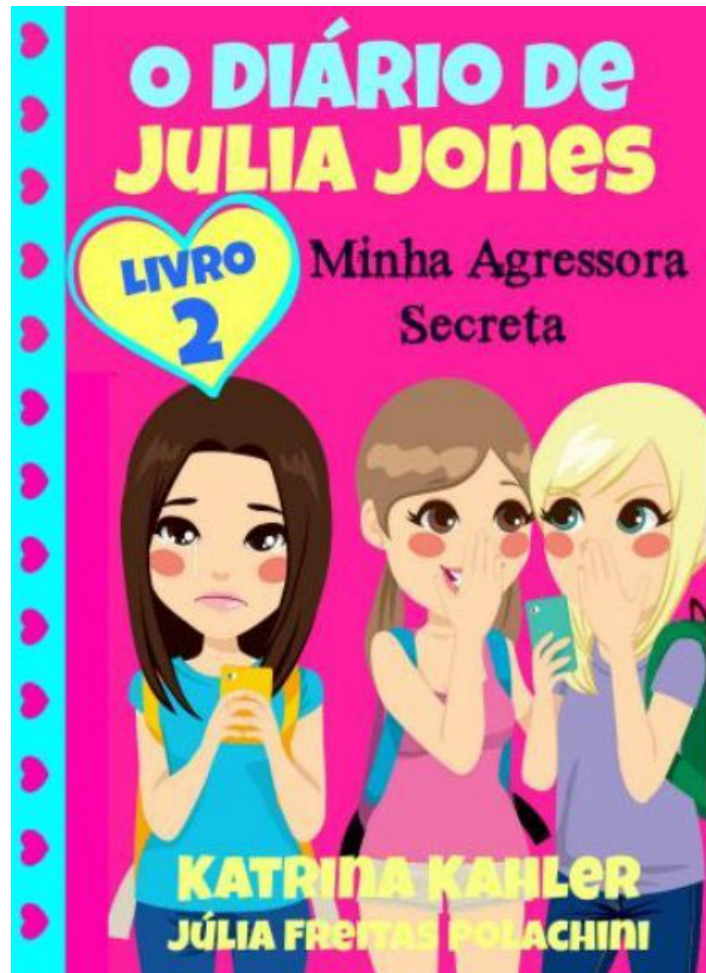
Siga a Julia Jones em Instagram @juliajonesdiary

Por favor, clique um Like na nossa página no Facebook

**Consulte o seguinte endereço para saber a data do lançamento
do próximo livro desta série...**

<https://www.facebook.com/JuliaJonesDiary?fref=ts>

Outros livros da autoria de Katrina Kahler que vai adorar ler!



DIÁRIO DE UMA MIÚDA DOIDA POR CAVALOS



LIVRO
1

A MINHA PRIMEIRA
PÓNEI

POR KATRINA KAHLER
TRADUZIDO POR ELVIRA SOUSA

***Diário de Uma Rapariga
Quase Fixe
A Minha Nova Escola***

***Livro
1***



B Campbell
Traduzido por Carina Mota

O diário do

**Sr. Moreno
Alto
e
Belo**



Minha vida
tinha mudado

**Kaz Campbell
Joyce Destri**